

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APPAI

... CORREIOS ...

Guia Histórico

Aproveite o verão e descubra como a orla carioca pode ser um aulão a céu aberto

Entrevista

Saiba como o comportamento do professor pode aumentar o nível de ansiedade do aluno



TOLERÂNCIA

Mesmo invisível, ela vem fazendo um estrago em todas as esferas e classes sociais. Veja os números e entenda por que esse sintoma se mostra cada vez mais presente entre a população



Opinião

A educação de valores éticos e morais na escola

Maria Nágila Mendes Coelho*

Nos dias atuais percebe-se que o mundo está carente de valores éticos e morais: fome, guerras, corrupção dos governantes, mentiras, desigualdade social e um grande número de outras injustiças e violências diariamente vêm à tona, não só em noticiários de jornais, mas também na realidade imediata de muitas pessoas. Este fato conduz a uma reflexão: não seria tempo de o homem repensar os seus atos, deixando de lado atitudes egoístas para dedicar-se à construção de uma sociedade fraterna, justa e verdadeiramente comprometida com o cidadão?

Quanto à escola, entende-se que é tarefa e responsabilidade sua complementar a educação de valores que os alunos recebem em suas casas, de suas famílias. Mas, para que esta educação seja realmente fecunda ao educando, os professores necessitam acreditar na importância deste ensino, planejando com esmero suas práticas pedagógicas, evitando, assim, atividades feitas a esmo.

A escola traz para o interior de seus muros conflitos, aflições e as mais diversas demandas que levam professores, alunos e gestores escolares a criarem espaços, em seus projetos pedagógicos, para que os educandos discutam e opinem sobre suas inquietações e aspirações pessoais e coletivas. E é exatamente nesse momento, quando é propiciada a formação de espaços, ocasiões, fóruns para discussão sobre a violência urbana, meio ambiente, paz, família, diversidade cultural e equidade de gênero, que a educação em valores começa a ser desenhada e vivenciada como

processo social que se desenvolve na escola. Esta, através de seus professores, imprime valores no espírito dos seus educandos por meio de recomendações do que considera correto, justo e ideal para a prática de valores.

Conclui-se que a escola não deve se ausentar da educação de valores, exercendo, assim, sua função humanizadora e educadora, formando um pensar crítico no aluno e capacitando-o a agir com desenvoltura e consciência ante os problemas da sociedade e que necessita efetivamente incluir a educação de valores em seu currículo, auxiliando, deste modo, a formar cidadãos íntegros e moralmente comprometidos consigo mesmos e seus semelhantes, o que levará à formação de uma sociedade fraterna e justa.

Uma proposta educacional com grandes chances de sucesso é trabalhar valores como ética, justiça, dignidade, respeito, responsabilidade, amizade, honestidade, solidariedade, autodisciplina, amor, confiança, compreensão, paz e fraternidade em sala de aula, não de modo esporádico e superficial, mas de forma amíúde e profunda, o que refletirá positivamente na construção da cidadania e do próprio perfil interior do educando.

* Maria Nágila Mendes Coelho é especialista em Gestão Escolar e mestranda em Ciências da Educação, além de diretora da Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor Arruda.

**EXPE
DIEN
TE**

Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Jéssica Almeida, Richard Günter e Yasmin Araújo Gundin.

Fotografia
Marcelo Ávila

Direção de Arte
Marcel Schocair Costa

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 80.000 (oitenta mil)

Impressão e distribuição
Edigráfica – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200



Educação em ciências e a nova geração

Antonio Roberto Petali Junior*

O limite de educar vai além de repassar conteúdo ou indicar caminhos que o professor julga serem os mais corretos. Educar consiste em demonstrar como criar sua própria percepção de si mesmo, dos seus pares e de sua realidade. É apresentar uma gama de ferramentas para que o estudante possa decidir, com base em seus valores, aquela em que lhe cabe melhor possibilidade de resolver problemas, responder questões e divulgar seus aprendizados de forma clara e comunicativa.

Em sua trajetória de vida, estudantes encontrarão situações adversas, e aquele que desenvolver habilidades de enxergar no todo as várias facetas de se chegar à solução terá maiores condições de evoluir e acumular uma carga maior de conhecimento e experiência (Seleção cognitiva. A seleção natural é agora reconhecida, mas atrasos similares na identificação do papel da seleção nos outros campos poderiam nos privar de um auxílio valioso na solução dos problemas com os quais somos confrontados). Estes fatores geram possibilidades que se abrem diante dos indivíduos, que por sua vez poderão ter grandes chances de aproveitá-las.

O pensamento descrito acima só faz sentido quando encaramos um estudante como um organismo que possui diferentes formas de aprendizagem e, portanto, o professor deve explorar variadas possibilidades para ensinar. Vale ressaltar também que os recursos utilizados necessitam ser atuais, comunicativos, atrativos e inovadores, com objetivo de se tornarem convidativos aos discentes. Ainda observamos em nossas salas de aula estudantes que preferem não sair de suas áreas de conforto e acomodação (falo de aulas tradicionais onde o professor replica o conteúdo e o aluno apenas repete nas avaliações e na vida), e assim não querem debater os assuntos, não almejam

problematizá-los criando um quadro comparativo de sua realidade social e nem tão pouco confrontar o novo com o antigo aprendido. Este último se mostra muito importante para explorar seu conhecimento âncora na construção de bom valor cognitivo.

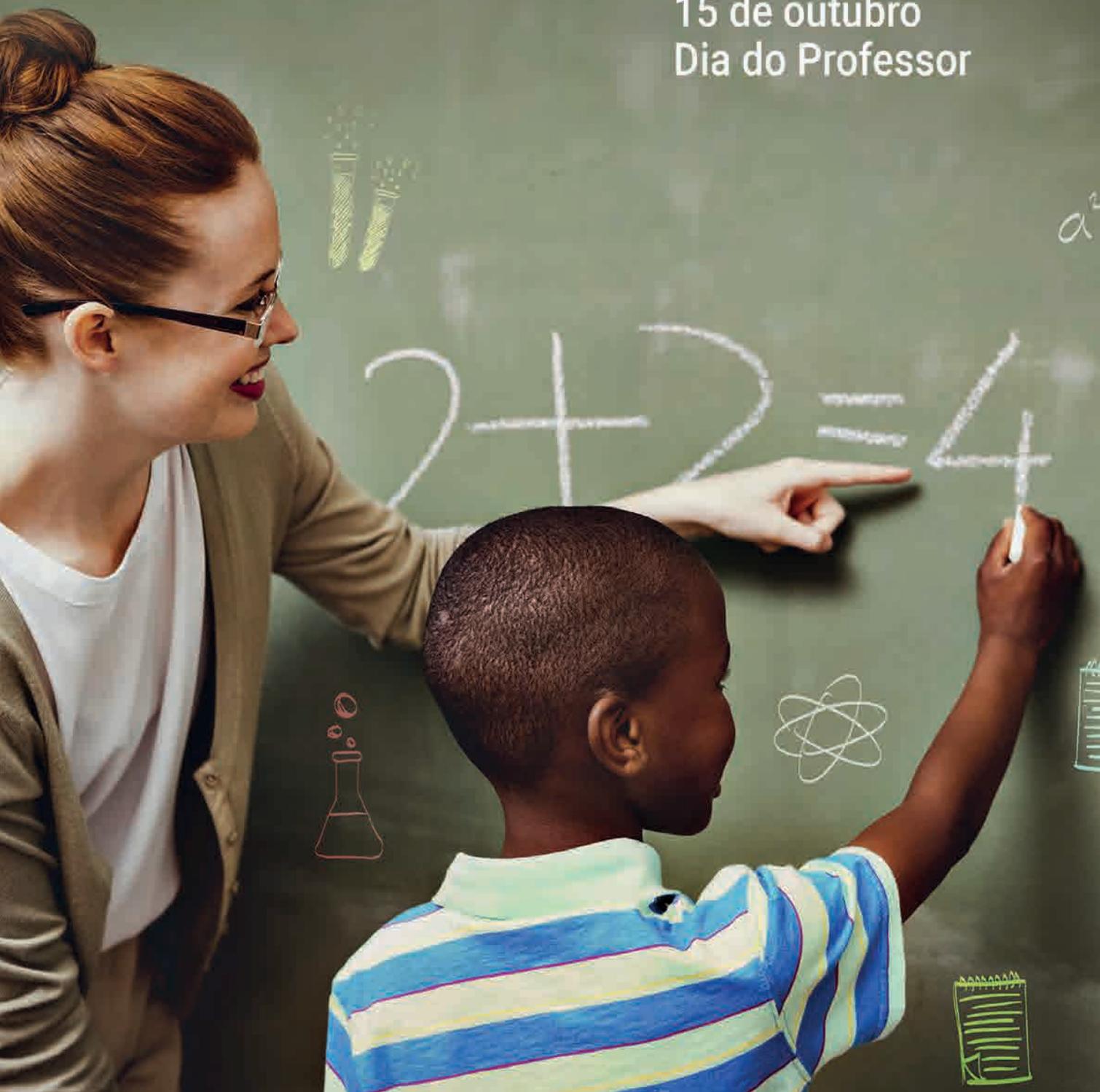
Os alunos devem adquirir habilidades como adaptabilidade, comunicação complexa, habilidades sociais, resolução de problemas não-rotineiras, autogestão e sistemas de pensamento para competir na economia moderna. Na medida em que os currículos incorporam atividades grupais, investigações laboratoriais e projetos, eles oferecem a oportunidade para os estudantes desenvolverem essas habilidades essenciais do século XXI e prepararem-se para se tornarem cidadãos capazes de tomar decisões sobre temas, como saúde pessoal, eficiência energética, qualidade ambiental e uso de recursos. De fato, as competências que os cidadãos precisam entender e abordar, desde as perspectivas pessoais até as globais, estão tão claramente ligadas ao conhecimento nas disciplinas quanto a economia, a política e os valores culturais.

Ao final, a escola precisa se reinventar, inovando seus métodos de ensino, agregando significado na vida dos estudantes, promovendo transformação e exercitando novos valores e habilidades como aprendizado colaborativo, senso de responsabilidade, crítica avaliativa, etc., porém sem perder seus reais valores socioeducacionais. Essa instituição deve ser também palco para debates político e científico, social e cultural, orientando ou mediando esses jovens em um aprendizado livre, que respeite sua criatividade para que com isso seja formada para eles uma nova identidade social.

*Antonio Roberto Petali Junior é formado em Ciências Biológicas pela Universidade de Nova Iguaçu – Unig.

Quem compartilha o que sabe,
muda a história de quem aprende.

15 de outubro
Dia do Professor



DESCOBRINDO O QUE ESTÁ POR TRÁS DAQUILO QUE FALAMOS NO DIA A DIA

Por Sandro Gomes*



Começemos por uma dessas “falas”.

O rapaz que foi indicado pelo funcionário **entregou** rapidamente o livro de estirpe rara ao **professor** do conhecido liceu.

Você certamente compreendeu o enunciado acima, apesar de bastante longo. Mas talvez não tenha reparado que essa frase mais complexa pode ser reduzida a uma estrutura básica, que no caso é formada pelos termos que estão em destaque. Na verdade, em todo enunciado que lemos há uma estrutura subjacente, que os falantes percebem, por assim dizer, intuitivamente, ainda que não sejam grandes conhecedores de função sintática. Assim, nessa matéria vamos abordar as principais “ossaturas”, que estão presentes nas frases que utilizamos.

O **menino**, em choque, **permaneceu estático** de tanto medo daquela figura grotesca. Estrutura: Sujeito (**menino**) + verbo de ligação (**permaneceu**) + predicativo do sujeito (**estático**).

A **Índia**, um dos países mais exóticos do mundo, **ofereceu ao estudante a sua mais importante experiência** de vida.

Estrutura:

Sujeito (**Índia**) + verbo transitivo (no caso, direto e indireto) (**ofereceu**) + objeto indireto (**ao estudante**) + objeto direto (**experiência**).

O avião aterrissou **com extrema velocidade**.

Estrutura:

Sujeito (**avião**) + verbo intransitivo (**aterrissou**).

A **decisão inesperada decretou a necessidade imediata de acertos inadiáveis**. Estrutura:

Sujeito (**decisão**) + verbo transitivo (**decretou**) + objeto direto (**necessidade**) + complemento nominal (**de acertos**).

O velho sedutor foi impiedosamente agarrado pela paixão avassaladora. Estrutura:

Sujeito (**sedutor**) + verbo na voz passiva (**foi agarrado**) + agente da passiva (**pela paixão**).

Obs.: repare que esse último modelo é na verdade uma outra forma de construir uma sentença em opção a outra que já vimos acima. Veja:

O enunciado *O sedutor foi agarrado pela paixão*, que está na voz passiva, se passado para a ativa seria *A paixão agarrou o sedutor*. Ou seja, a estrutura *sujeito + verbo transitivo + objeto*, que já abordamos.

Há ainda formas bem menos complexas de sentença, que fogem a esses modelos acima apresentados. Acompanhe os exemplos.

Chovia. (formada apenas por uma forma verbal)
Graças a Deus! (sentença que sequer usa um verbo)

Você deve ter reparado nos termos em azul. Eles não se enquadraram nesses casos nas funções sintáticas presentes nas estruturas de frase citadas. São na verdade elementos que ajudam a dar complexidade às frases, aumentando as informações dos enunciados. Eles são independentes das estruturas e ocupam funções sintáticas variadas, como apostos, advérbios, adjuntos adnominais, predicativos de objeto.

Esses são os mais usuais modelos de estrutura frasal, que empregamos na fala ou na escrita. Certamente há outros, não tão comuns, que abordaremos em outra ocasião. Mas já dá pra ter uma boa ideia das bases essenciais que estão subjacentes aos muitos enunciados que podemos construir no nosso belo e querido idioma materno. Até a próxima, pessoal!

*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Colunista do *blog* da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

A NATUREZA CANTA E O CORPO DANÇA

Através da música, os pequenos desenvolveram diversas habilidades e aprenderam sobre a cultura indígena

Uma viagem lúdica, cheia de descobertas sonoras, rítmicas e muitas brincadeiras no universo musical. Foi assim que o EDI Professor Cristiano Pinto de Moraes Bispo, localizado em Realengo, desenvolveu o projeto sobre os sons da natureza. Para isso, foram proporcionadas trocas de experiências entre os representantes de povos indígenas e a comunidade escolar, através da cultura e respeito à natureza com apresentação de cantos em língua materna.

De acordo com a professora articuladora do projeto, Maria Lucia Gomes dos Santos, a iniciativa foi uma forma de aproveitar os momentos de experiências concretas para favorecer a interação e socialização com outras culturas, tendo como objetivo desenvolver a linguagem musical a partir dos sons do corpo e da natureza, aumentando assim a percepção auditiva das crianças de 8 meses a 5 anos que participaram da atividade. “Além disso, construímos instrumentos e descobrimos novas possibilidades sonoras”, conta a docente.

Na Educação Infantil, as crianças desenvolveram atividades voltadas para matemática, ciências sociais e naturais, linguagens oral, escrita e artística, como artes visuais e música. Através desta última, os pequenos vivenciaram a dança, as cores, pinturas indígenas e obras de arte.

Na culminância do evento, a escola recebeu com muita música e dança a visita de alguns indígenas da etnia Tikuna. As turmas da pré-escola, das professoras Juliana Saisse dos Santos e Janice Cristina Ferreira, também fizeram exposição dos materiais confeccionados imitando os sons da natureza como chocalhos e tambores, e criaram um ambiente que simulava uma floresta. “As crianças interagiram com os indígenas e eles ensinaram passos de danças e algumas palavras em sua língua materna. Conversaram sobre a sua cultura e contaram que se alimentavam de pesca e caça, como carne de macaco e javali. Falaram também sobre os relacionamentos, enfatizando que entre eles é permitido casar até com três mulheres. Todos nós aprendemos mais um pouco com esse povo e sua cultura milenar”, garante Maria Lucia.





As professoras Cíntia Maria dos Passos, da turma EI12, e Aline Figueiredo Ledo, da turma EI11, contam que as crianças do berçário construíram chocalhos feitos de garrafa *pet* e depois cantaram, tocaram e brincaram ao som da música dos índios. Já a educadora Mariley Kneipp Gois, da turma EI32, relatou que os pequenos confeccionaram o pau de chuva (um instrumento musical idiofônico). “Achei interessante a fala do Brayan, que ao chocalhar o instrumento gritou: ‘Tia, é igual ao barulho da chuva’. As outras crianças pararam e ficaram até emocionadas. Nesse momento, notamos que o objetivo estava sendo alcançado. Foi muito legal!”, afirmou Mariley.

A diretora Lília Esteves ressalta que essa proposta foi bem aceita por parte dos envolvidos e essa troca de experiências mostrou-se muito rica. Já Maria Lucia afirma que a culminância com os indígenas foi um marco para envolver a comunidade escolar nos projetos de trabalho. “Ouvindo os relatos, buscando parcerias para novas experiências e

aprendizagens. Agradecemos todas as professoras e educadores que se envolveram com o projeto, a parceria da docente Georgia, que confeccionou as roupinhas das crianças; do amigo da escola Luíz Alberto dos Santos, que foi nossa ponte com os tikunas; e a diretora do EDI por acreditar que é possível uma educação além dos muros da instituição. E a todos que colaboraram para a vinda de nossos amigos e irmãos indígenas”, finaliza.

■ *Por Jéssica Almeida*

EDI Professor Cristiano Pinto de Moraes Bispo

Rua Feira Nova – Barata – Realengo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21770-410

Tel.: (21) 3333-0880

E-mail: edicristianopmoraes@rioeduca.net

Fotos cedidas pela escola

PICNIC DAS PALAVRAS

Diz a lenda que todo mundo sai de lá com o coração limpinho e sereno

“

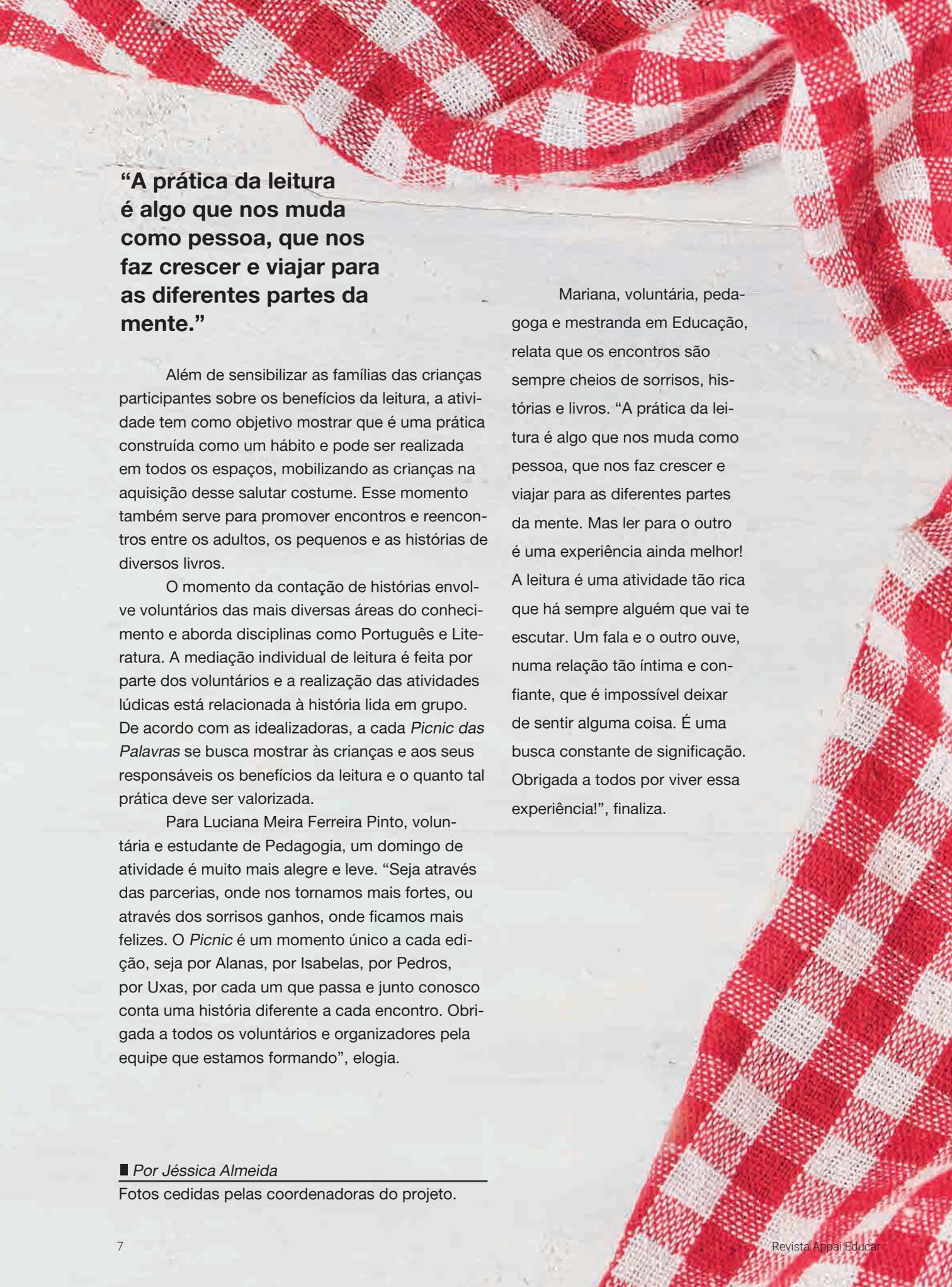
O céu estava azul, o sol brilhava e até queimava os rostinhos que, convidados a ler, concentraram seus olhos em cada página. Às vezes, desperjavam-se. Olhavam a paisagem, as pessoas, o mundo que continuava girando, enquanto eles existiam dentro das histórias e das palavras feitas brincadeiras. Aqui, todo mundo é levado a sonhar: com amor, ternura, coragem”. É assim que Mariane Sousa Pinto, voluntária e estudante de

Pedagogia, resume o projeto *Picnic das Palavras*, que tem como objetivo promover a leitura em um espaço agradável, democrático e acessível para as crianças e seus responsáveis.

O trabalho é coordenado e idealizado aqui no Brasil por Mariane e Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza, que explicam que se trata de um projeto de leitura, de cunho voluntário, que surgiu na Colômbia e que é realizado em vários lugares do mundo, como México, Argentina e Itália. No Brasil, começou a ser concretizado em janeiro de 2016, próximo à entrada principal da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. Geralmente, a iniciativa acontece de 15 em 15 dias, sempre aos domingos e em horários alternados, e conta com cerca de 10 voluntários, de diferentes áreas do conhecimento, e motivados por uma paixão: a leitura.



Qualquer criança que esteja na Quinta da Boa Vista no horário do *Picnic das Palavras* pode participar! Para mais informações, acesse a página: [facebook.com/picnicdepalavrasbrasil/](https://www.facebook.com/picnicdepalavrasbrasil/). Se deseja fazer parte do projeto como voluntário, envie e-mail para: picnicdepalavras@gmail.com.



“A prática da leitura é algo que nos muda como pessoa, que nos faz crescer e viajar para as diferentes partes da mente.”

Além de sensibilizar as famílias das crianças participantes sobre os benefícios da leitura, a atividade tem como objetivo mostrar que é uma prática construída como um hábito e pode ser realizada em todos os espaços, mobilizando as crianças na aquisição desse salutar costume. Esse momento também serve para promover encontros e reencontros entre os adultos, os pequenos e as histórias de diversos livros.

O momento da contação de histórias envolve voluntários das mais diversas áreas do conhecimento e aborda disciplinas como Português e Literatura. A mediação individual de leitura é feita por parte dos voluntários e a realização das atividades lúdicas está relacionada à história lida em grupo. De acordo com as idealizadoras, a cada *Picnic das Palavras* se busca mostrar às crianças e aos seus responsáveis os benefícios da leitura e o quanto tal prática deve ser valorizada.

Para Luciana Meira Ferreira Pinto, voluntária e estudante de Pedagogia, um domingo de atividade é muito mais alegre e leve. “Seja através das parcerias, onde nos tornamos mais fortes, ou através dos sorrisos ganhos, onde ficamos mais felizes. O *Picnic* é um momento único a cada edição, seja por Alanas, por Isabelas, por Pedros, por Uxas, por cada um que passa e junto conosco conta uma história diferente a cada encontro. Obrigada a todos os voluntários e organizadores pela equipe que estamos formando”, elogia.

Mariana, voluntária, pedagoga e mestranda em Educação, relata que os encontros são sempre cheios de sorrisos, histórias e livros. “A prática da leitura é algo que nos muda como pessoa, que nos faz crescer e viajar para as diferentes partes da mente. Mas ler para o outro é uma experiência ainda melhor! A leitura é uma atividade tão rica que há sempre alguém que vai te escutar. Um fala e o outro ouve, numa relação tão íntima e confiante, que é impossível deixar de sentir alguma coisa. É uma busca constante de significação. Obrigada a todos por viver essa experiência!”, finaliza.

■ Por *Jéssica Almeida*

Fotos cedidas pelas coordenadoras do projeto.

HOJE A AULA É NO MUSEU!

Propor ações criativas pode fazer seu aluno se interessar facilmente na apreciação da arte



Levar os estudantes a exposições de arte é um hábito que deve ser construído e incentivado. O Rio de Janeiro, por exemplo, dispõe de opções interessantes e gratuitas para eventos de artes visuais, o que oportuniza a construção de relações entre o museu e a escola, que por sua vez tem também o intuito de ampliar o repertório e a criação de diálogos com a sala de aula.

Seja museu, centro cultural ou local de entretenimento, o importante é tornar o espaço um centro de pesquisa, sem esquecer que a introdução desse estudo deve acontecer no interior da escola. Em sala de aula, o professor pode propor experiências e ações criativas, sugerir que seus alunos pintem, desenhem, façam esculturas ou instalações. A história e a teoria, desde cedo e de forma simples, entram no cotidiano: ao mostrar reproduções de obras, o professor contribuiu para a ampliação do repertório visual do grupo, além de discutir problemas e soluções colocados pelos artistas dentro dos seus contextos.

Dessa forma, a visita a um museu pode ser um complemento ao trabalho desenvolvido em sala de aula. As reproduções de trabalhos são muito úteis, mas a elas escapam detalhes, texturas e a própria materialidade da obra de arte, que permite a real vivência da experiência proposta pelo artista.

Nesses espaços culturais, o conhecimento se constrói no encontro entre sujeito e objeto. Outro ponto a ser considerado é a importância da unidade escolar expandir seus muros e tornar a região uma esfera para o conhecimento por meio de incentivo para que os estudantes frequentem espaços públicos e, assim, se apropriem das instituições urbanas como locais para reflexão, entretenimento e convivência social.

Todavia, para que essas questões se externalizem numa saída pedagógica, a participação do educador é primordial. O planejamento começa ao escolher a instituição a ser visitada e, para isso, é preciso conhecê-la. Atualmente, existem na internet visitas virtuais que oferecem informações iniciais importantes, como o foco (arte contemporânea, moderna ou a obra de um artista específico), se há ou não acervo, se as exposições são temporárias ou permanentes, que mostra estará em cartaz na data pretendida etc. Vale ressaltar que uma visita antecipada ao local desejado tem a sua importância, pois é possível avaliar se o espaço e a exposição estão adequados à faixa etária do grupo e à proposta do encontro.

A maior parte dos museus oferece ao público visitas orientadas às exposições com profissionais especializados e preparados. A parceria entre o professor e o educador (ou monitor) da instituição é rica, pois alia diferentes saberes em benefício do grupo: cada profissional contribui com suas experiências e conhecimentos gerando um ambiente propício à troca.

Conhecer, antes da visita com os alunos, as propostas dos setores educativos também pode ser interessante, de acordo com Helenira Paulino, graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Campinas. “Muitas instituições disponibilizam materiais didáticos, encontros, cursos e oficinas para professores, contribuindo para a aproximação entre o museu e a escola”, diz. Cabe também investigar como se dão as visitas orientadas em cada lugar. “Quais são as diretrizes pedagógicas, qual é o tempo de duração, se há oficina prática ou roteiros de visita, qual é a faixa etária atendida. Enfim, é necessário que a escola conheça a instituição para que possa conversar com seus alunos”, explica.

Esse estudo pode ser feito em grupo, pois assim os alunos saberão precisamente a que local estão indo e o que farão. Alguns tópicos podem ser questionados para que os estudantes estejam ligados e possam retomá-los ao voltar do passeio, tanto em relação às obras vistas quanto ao trajeto até o museu, à arquitetura e ao espaço. De acordo com Helenira, “a visita orientada é um encontro de potencialidades: as discussões, observações e sensações partem do olhar atento às obras. Cabe aos educadores fornecer informações e, mais importante, criar um ambiente em que as potências da obra e do público se encontrem. A fala e a escuta são instrumentos fundamentais. Aliadas à prática criativa podem gerar um encontro e, talvez, um acontecimento”, ratifica.

A aula fora da escola consiste na oportunidade que o aluno tem de sair do ambiente interno da instituição, tendo a possibilidade de conhecer novos lugares e diferentes situações de estudos e aprendizagens, relacionadas a conteúdos curriculares, usando todos os sentidos para buscar o seu desenvolvimento cultural, social, pessoal e intelectual.

Vários museus e instituições culturais públicas e privadas de diferentes locais do estado recebem grupos gratuitamente e até oferecem ônibus para os alunos se a visita for agendada com antecedência. Fundações e empresas que organizam exposições e eventos temporários também costumam ser receptivos. Alguns planejam ações que incluem monitoria especializada, orientação para os professores e transporte para atender as escolas. Vale consultar ainda as secretarias de

educação, de cultura e de esporte do seu município e do estado para se informar sobre os projetos destinados a estudantes, além de considerar a possibilidade de negociar valores e de utilizar verbas definidas pelo Conselho Escolar para viabilizar as saídas.

"A fala e a escuta são instrumentos fundamentais. Aliadas à prática criativa podem gerar um encontro e, talvez, um acontecimento"



Saiba o que é preciso organizar antes de realizar uma saída pedagógica

• Planejamento

O professor responsável pela saída deve informar à direção o local a ser visitado, o percurso, o trabalho que será realizado, a duração estimada, o número de participantes e o material necessário. Verifique os custos envolvidos e tome as providências para obter os recursos de que o grupo precisará.

• Equipe

Além do professor responsável, que deve conhecer o local e participar de todo o planejamento, pelo menos mais um adulto deve acompanhar os estudantes. O recomendável é ter três responsáveis para cada 40 crianças ou adolescentes.

• Alimentação

Antecipar a alimentação dos alunos é uma boa solução para atividades de curta duração. Se a permanência fora da escola for longa, oriente a equipe para optar por lanches fáceis de transportar. Certifique-se de que haverá um local para os estudantes realizarem a refeição.

• Autorizações

A autorização antecipada dos pais é obrigatória para toda saída da escola. No caso de atividades mais demoradas, deve-se incluir um campo para informações sobre eventuais alergias e medicamentos que o aluno utilize, além de telefones de contato. Anexe à autorização as informações sobre a programação e os objetivos da atividade.

• Identificação

É recomendável que a turma use o uniforme. Se não for possível, um crachá ou uma etiqueta com o nome do participante e da escola e um telefone para contato é uma boa alternativa.

• Transporte

Verifique as condições do ônibus, confira se há cintos de segurança e lugar para todos e fale com o motorista, reforçando a responsabilidade do trabalho de transportar estudantes. Em trajetos a pé, se for preciso solicite a ajuda da guarda municipal.

• Documentação

O professor responsável deve receber uma pasta com a lista de presença e as informações sobre medicamentos e alergias. Os alunos devem trazer uma cópia de um documento com foto e entregá-la ao professor. As autorizações ficam na escola.

• Roteiro

Entregar aos estudantes um roteiro das atividades, com indicação de horários de saída e de reencontro, reforça o compromisso do grupo com o trabalho e com a pontualidade.

• Comunicação

Peça ao docente responsável que telefone quando chegar ao local de destino e que ligue mais vezes durante o dia. Oriente-o para comunicar à escola imediatamente se houver qualquer imprevisto. O gestor fica responsável por manter os pais informados.

■ Por Richard Günter

Fontes: Carta Educação | Gestão Escolar

AS QUATRO ESTAÇÕES

Com muita música e teatro, projeto estimula a capacidade de imaginação e concentração das crianças

Por que faz frio numa época do ano e faz calor na outra? Por que a árvore fica florida e depois desfolhada? Essas são algumas perguntas que estão relacionadas quando o professor vai trabalhar as

estações do ano com os alunos na Educação Infantil. Para solucionar esses questionamentos o educador e músico Ilario Antonio Dias, conhecido como Tituninho, criou um projeto para levar histórias e músicas para essa faixa etária em escolas e festas infantis.

Segundo ele, a ideia do projeto surgiu em 2004, quando trabalhou em um abrigo e percebeu que seria importante um movimento que pudesse oferecer, através da música, ensinamentos pedagógicos e sociais. “Nesse período vivi experiências, uma das quais com um menino de oito anos que não gostava de matemática, o que me levou a compor a música “Aprendendo a somar”, que foi muito eficaz para o aprendizado dele, já que despertou o interesse por aquela disciplina”, lembra.





No teatro musical, os pequenos aprendem sobre as transformações climáticas enquanto se divertem

Algum tempo depois veio a ideia de criar um personagem parecido com o educador. “Resolvi usar o nome com que os pequenos me chamavam na creche: tio Tuninho. Mas eles emendavam tudo e ficava Tituninho”, conta. Ele explica que o projeto tem como principal objetivo levar educação de uma forma lúdica e simplificada para a criança. Mostrar através de histórias e músicas a importância da educação em suas vidas. “Além de brincar e se divertir, os pequenos aprendem a ser mais sensíveis e flexíveis dentro da sua realidade de vida”, garante.

Com esse personagem, ele desenvolve diversos temas a serem trabalhados nos ambientes pedagógicos. Na Escola Municipal Espanha, por exemplo, ele falou sobre as quatro estações em um roteiro criado por ele e por Cris Pherrayon. No teatro musical construído durante uma conversa entre o fantoche Lili (Bárbara Castro) e o Tituninho, eles falam sobre o tema de uma forma lúdica. “O objetivo é ensinar suas características, aguçando a imaginação, trazendo uma realidade empírica de transformações climáticas, que mudam com o passar do tempo. Com músicas de adivinhar, passo pelas estações, fazendo com que as crianças possam imaginar e arriscar de qual delas vamos falar, o que estimula a sua capacidade de elaboração e concentração”, explica.

“As crianças ficam encantadas e interagem com as histórias, com esse mundo mágico e criativo”

Além disso, o professor resgata diversas atividades, que muitas vezes deixam de existir, por causa da tecnologia que toma conta do mundo infantil. “Isso faz com que as crianças utilizem cada vez menos a criatividade e a imaginação, dando oportunidades ao óbvio, ao que já vem pronto e é só brincar”, relata. A coordenadora pedagógica da escola, Fátima Regina Dib Gomes de Lima, conta que esse trabalho é um resgate de brincadeiras. “Canções infantis são de suma importância para os anos iniciais de escolaridade. As crianças ficam encantadas e interagem com as histórias, com esse mundo mágico e criativo”, finaliza.

■ Por *Jéssica Almeida*

Escola Municipal Espanha

Praça Tarumirim, s/nº – Paciência – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 23580-125

Tel.: (21) 3407-0556

E-mail: emespanha@rioeduca.net

Fotos cedidas pelo professor

CIEP ABRE AS PORTAS PARA A TROCA DE CONHECIMENTOS



Alunos de três escolas se reúnem em oficinas em prol da linguagem cultural

Não só de estudos a quatro paredes devem viver os alunos, pois o convívio é decisivo na aprendizagem de valores sociais. E o ambiente escolar é o espaço de atuação mais imediato para os estudantes. Nesse pressuposto, o Ciep 441 Mané Garrincha, localizado em Magé, realizou um projeto de integração que incluiu a participação de outras duas instituições também localizadas no município para participarem de oficinas sob temáticas transversais.

O objetivo do projeto foi inserir no cotidiano da garotada práticas pedagógicas e de lazer diferenciadas que pudessem explorar linguagens culturais através de oficinas, inserindo a comunidade na escola, bem como ampliar as parcerias com a rede municipal mageense e o governo estadual fluminense. Batizado de *Ciep 441 de Portas Abertas*, a atividade contou com a participação de duas instituições educacionais vizinhas, a Escola de Ensino Médio Técnico em Agropecuária Ceia Barão de Langsdorff e o Colégio de Ensino Fundamental Bruno Rodrigues.



Alunos de três escolas de Magé se reuniram para enaltecer a linguagem cultural

Para dar vida a este plano de aula, a professora de sociologia Ana Carolina, idealizadora do projeto, propôs ao corpo docente que se encontrasse semanalmente para debater as novas perspectivas de aprendizagem da escola, viabilizando a inserção de linguagens culturais ao cotidiano escolar, voltado especialmente para os alunos ingressantes da unidade educacional. Neste caso, alunos do 1º ano do Ensino Médio.

A proposta da atividade aberta à comunidade seguiu também para a análise e aceitação dos alunos, com o intuito de definir sua estruturação, para que se organizasse a disposição das oficinas em consonância com os estudantes e a própria coletividade. O mesmo ocorreu na composição dos temas, que exploraram linguagens pouco usuais na escola. Dessa forma, a confecção e o manejo ficaram distribuídos entre membros da escola, alunos e professores.

As oficinas desenvolvidas durante o projeto tiveram temáticas circenses, recreações e jogos, animação *stopmotion*, pintura, meditação e ioga, comunicação não-violenta, horta e compostagem, entre outras. A culminância contou com duas apresentações durante sua abertura: a primeira foi uma peça teatral que visou contextualizar contos africanos ao cotidiano pós-moderno dos jovens em idade escolar. A peça foi construída por alunos do 3º ano em conjunto com a professora Josefa, responsável pela Sala de Leitura. A segunda apresentação ficou a cargo do Coral Mané Garrincha, que possui mais de 10 anos de história, viabilizada pelo animador cultural Marcio.

Os participantes puderam ainda bater um papo sobre comunicação não-violenta com o psicólogo Diego, e com o engenheiro Leonardo, que ministrou a oficina de meditação e ioga. Os professores presentes nas demais oficinas coordenaram as práticas que exploraram espaços para além da sala de aula, como, por exemplo, a quadra, o pátio, o refeitório, a biblioteca e o gramado do colégio.

Para Ana Carolina, sem a aproximação da comunidade escolar na confecção e manejo das oficinas, nada seria possível. “O projeto foi fruto de uma integração entre os corpos pedagógico e administrativo do colégio. É importante uma união como essa nas escolas públicas, e que isso ocorra em prol da cultura, da arte, da música e outras linguagens, para que a educação se faça presente”, enaltece.

Segundo a aluna Arly Carliene, da turma 1.005, membro do grêmio estudantil, a sua participação na oficina que abordou a comunicação não-violenta a ajudou na sua transformação pessoal. “Devemos escutar o próximo antes de dar qualquer opinião”, sinaliza.



Além das atividades educativas, o lazer também fez sucesso entre a garotada, como foi o caso de partidas de pingue-pongue



Plantar e cultivar estiveram entre as atividades que os participantes do projeto Ciep de Portas Abertas realizaram em compromisso com o meio ambiente

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1998: p. 32), para que aconteça a interação entre a escola e a comunidade, é preciso buscar formas para que as instituições estejam mais presentes no dia a dia da comunidade e também o inverso, de modo que a instituição e os estudantes e professores possam se envolver em atividades voltadas para o bem-estar coletivo.

Para o coordenador do projeto, professor Sidney Cardoso, a comunidade escolar precisa refletir em conjunto sobre uma temática: “é necessário que todos os envolvidos assumam esses objetivos, pois eles se concretizarão em diversas ações cotidianas”, explica.

■ *Por Richard Günter*

Ciep 441 Mané Garrincha

Rua José Pereira de Souza, s/nº – Pau Grande – Magé/RJ

CEP: 25933-110

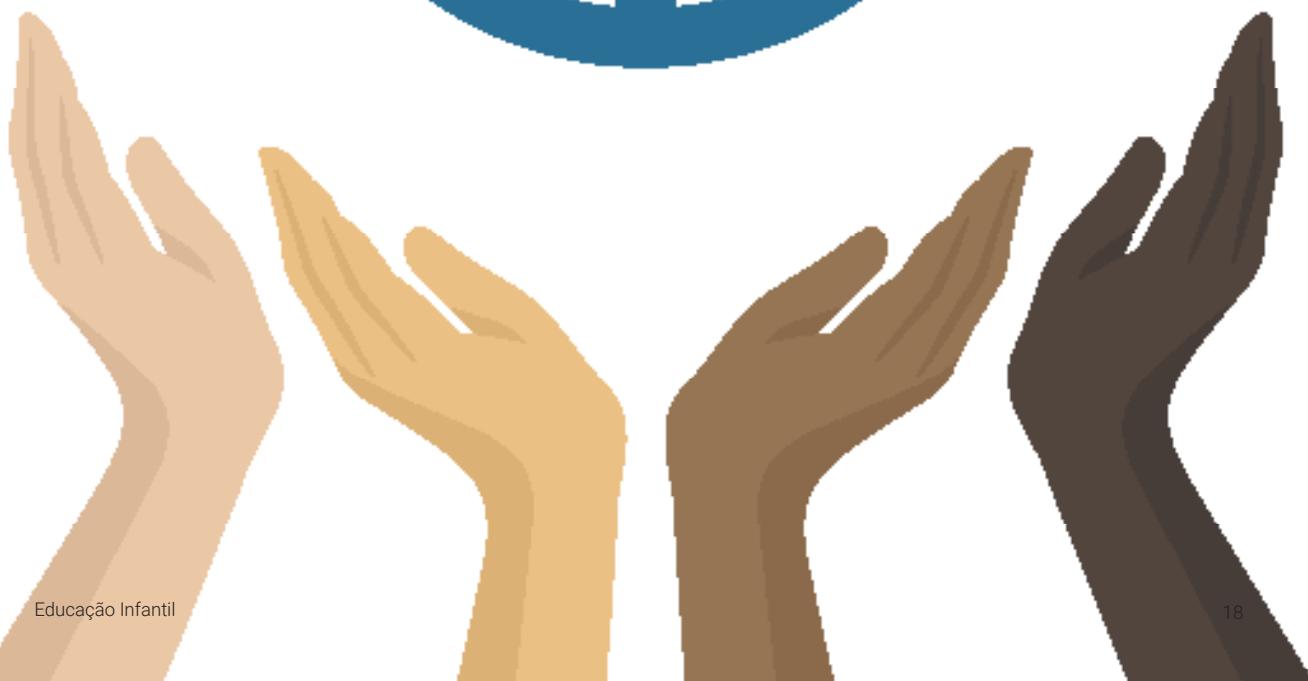
Tel.: (21) 2739-7553

E-mail: ciep441@yahoo.com.br

Coordenação do projeto: Sidney Cardoso e Ana Carolina

Fotos cedidas pela escola

UMA CAMINHADA RUMO AO CONHECIMENTO



Espaço de Desenvolvimento Infantil promove aprendizagem em atividade além dos muros

Você já parou pra pensar que no dia a dia passamos por certos lugares mas não sabemos de fato o que são e o que fazem? Com o intuito de promover uma descoberta nos arredores do Espaço de Desenvolvimento Infantil Senhor João Gomes, os alunos puderam desbravar a região numa Caminhada do Conhecimento.

O objetivo foi oportunizar às crianças e às suas famílias a participação em uma atividade que propiciasse a conscientização sobre o fato de que todos somos responsáveis pela preservação do espaço em que vivemos e que as grandes mudanças fazem parte de um processo, cujo início se dá a partir de pequenas, mas valiosas ações. Assim, junto aos pequenos e seus familiares, foi proposto o reconhecimento da Vila Aliança, como um lugar de convivência e descoberta dos espaços culturais existentes no bairro, como a Nave do Conhecimento.

Durante a caminhada, foi apresentado à comunidade o trabalho desenvolvido no EDI, a partir de faixas e cartazes alusivos ao Projeto Pedagógico Anual, chamado de *Um plano para salvar o Mundinho: Reduzir – Reutilizar – Reciclar. Pequenas ações, grandes mudanças!* e do subprojeto: *O Mundinho começa no lugar em que você está!*, realizado junto a outras instituições do bairro e com os responsáveis das crianças matriculadas na unidade escolar.



Os cartazes foram confeccionados pelos professores com a ajuda dos alunos do Espaço de Desenvolvimento Infantil

Neste projeto, a área do conhecimento mais explorada foi “Ciências Sociais e Naturais”, porém outras foram articuladas de forma integrada, buscando uma aprendizagem mais ampla e significativa para as crianças, como Linguagem Oral e Escrita, Matemática, Corpo e Movimento, Música e Artes Visuais.

Neste ano, foram atendidas crianças no Berçário, Maternal 1 e 2, Pré-Escola Grupo 1/2, e todos os grupamentos, com suas respectivas turmas, foram envolvidos nesse projeto, participando ativamente de todo o processo para organização e realização da Caminhada.

Cada equipe de educadores apresentou a proposta para as crianças e responsáveis da sua turma, através de rodas de conversa, reuniões e outras atividades que os incentivaram a participar, incluindo faixas e cartazes confeccionados com a ajuda dos pequenos. A atividade foi uma das várias ações promovidas durante o desenvolvimento do subprojeto.

"O MUNDINHO COMEÇA NO LUGAR EM QUE VOCÊ ESTÁ!"

O ponto de encontro para todos os participantes foi a instituição. Após a concentração e o aquecimento realizado pelo Professor de Educação Física Maricélio Silva Melo, do Projeto Academia Carioca e da Clínica da Família Maria José de Souza Barboza, da Vila Aliança, foi iniciada a caminhada pelas ruas do bairro até a Nave do Conhecimento, localizada na Estrada do Taquaral. A visita à escola-modelo proporcionou a todo o grupo uma viagem pelas áreas de conhecimento através da realização de várias atividades. Uma delas foi o plantio de diversas mudas no jardim da Nave feito pela Secretaria de Meio Ambiente, conscientizando as crianças sobre a importância da biodiversidade e o cuidado com a natureza. Outras atividades foram as oficinas para produção de velas com óleo reaproveitado; confecção de brinquedos com materiais recicláveis; palestra da engenheira agrônoma da Secretaria Municipal de Conservação e Meio Ambiente (Seconserma), Eremita Santos (apresentando o plano de reflorestamento da região de Vila Aliança), e a visualização do mapa de reflorestamento da região e o seu impacto causado no ecossistema local, além do acesso à tecnologia existente na Nave.

Todavia, a caminhada propiciou uma grande ação ambiental, realizada em parceria com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Emprego e Inovação, através da Nave da Vila Aliança, com a Seconserma, com a Secretaria de Saúde, através do grupo de caminhada da Terceira Idade “Coração Saudável”, e com a Secretaria de Educação, através do EDISJG, mobilizando quase 200 pessoas entre crianças, mães, pais, idosos, docentes, além de moradores da região.

Para Renata Herculano de Freitas, Mãe do Paulo Lehonardo, do maternal 1, o projeto foi especial porque integrou a comunidade. “Amei cada segundo. Agradeço a Deus, primeiramente, por ter sido



Conhecimento do bairro Vila Aliança recebeu os alunos do EDI. Encantados com a estrutura, poucos conheciam o local até aquele momento

possível proporcionar esse momento maravilhoso para o meu filho e para minha neta, que mesmo não sendo dessa creche pôde participar”, relata.

Já para Sheila Souza, Diretora do EDI, a caminhada foi mais um marco da instituição. “São quase 4 anos de história, construindo um caminhar, cujo referencial são as relações interpessoais estabelecidas e consolidadas a cada evento realizado. Nossa equipe tem amadurecido e se desenvolvido a cada ano por pessoas que acrescentam, cada qual com o seu fazer e criatividade. Valeu o esforço e a coragem que nós, equipe do EDISJG, tivemos de arriscar e ir além dos muros”, enaltece.

Naves do Conhecimento

O projeto visa a democratização do acesso à informação e ao conhecimento de novas formas de aprendizagem em ambientes colaborativos e criativos promovendo a mediação da informação qualificada e o desenvolvimento de competências necessárias a todos na sociedade do terceiro milênio. Os vários núcleos estão localizados em nove regiões das zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro (Santa Cruz, Vila Aliança, Padre Miguel, Irajá, Penha, Madureira, Nova Brasília, Triagem e Engenho de Dentro).

Saiba mais em: www.navedoconhecimento.rio

■ Por Richard Günter

**Espaço de Desenvolvimento
Infantil Senhor João Gomes**

Rua do Desenhista, s/nº – Bangu
– Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21842-030

Tel.: (21) 3336-5672

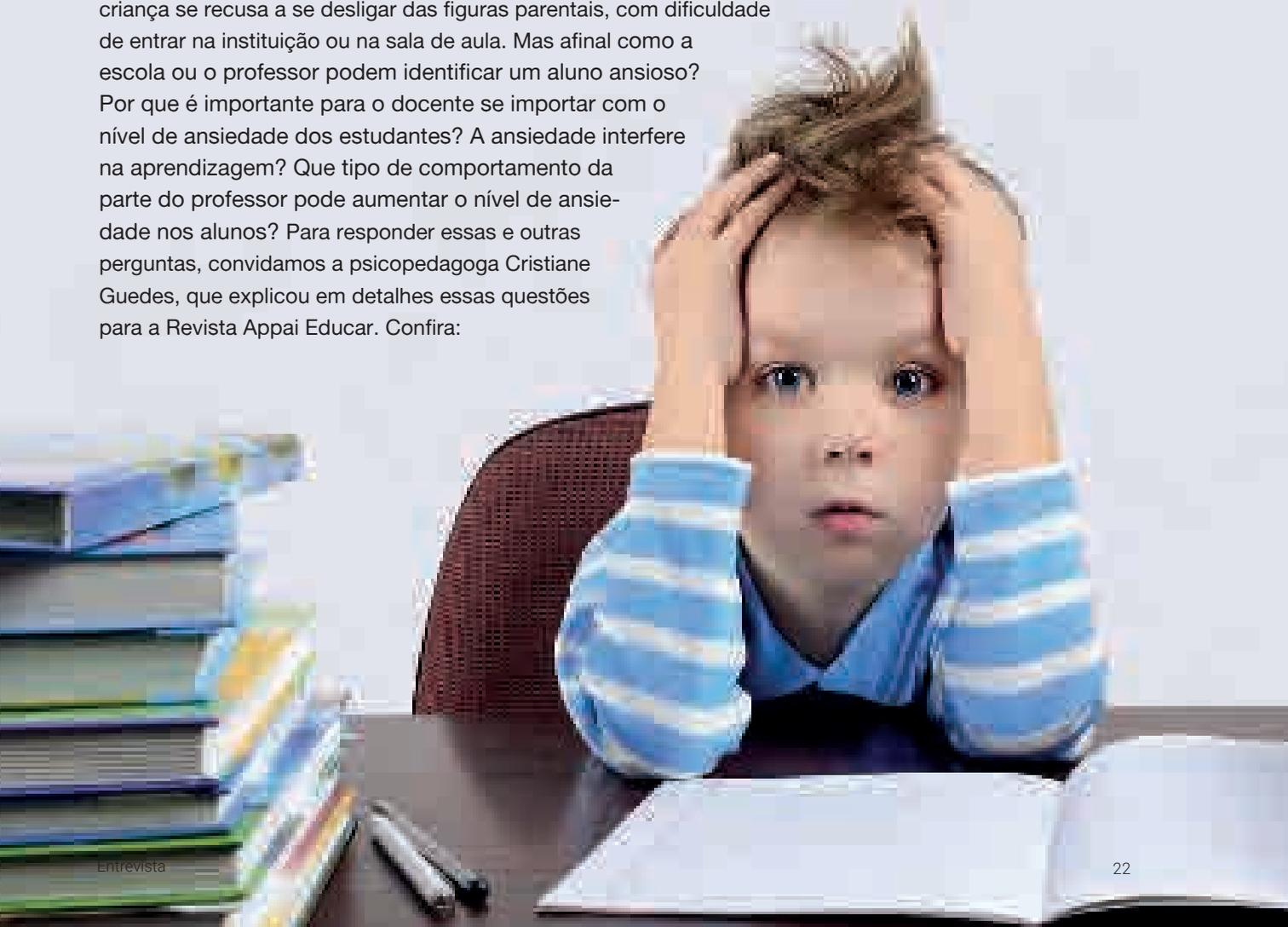
E-mail: edisgomes@rioeduca.net

Fotos cedidas pela escola

COMO LIDAR COM A NA ESCOLA?

Cada indivíduo reage aos desafios da vida de uma maneira específica. Duas crianças, por exemplo, mesmo que sejam de uma mesma família, que tenham o mesmo pai e a mesma mãe, se relacionam com essa família em um tempo diferente. Sendo assim, aprendem de maneira diferente também. O que para uma pessoa pode ser considerado comum, para outra pode causar ansiedade. Um sentimento de incômodo que o indivíduo não controla e geralmente está relacionado a situações de antecipação de problemas.

Na escola, o mais comum é o transtorno de ansiedade de separação, onde a criança se recusa a se desligar das figuras parentais, com dificuldade de entrar na instituição ou na sala de aula. Mas afinal como a escola ou o professor podem identificar um aluno ansioso? Por que é importante para o docente se importar com o nível de ansiedade dos estudantes? A ansiedade interfere na aprendizagem? Que tipo de comportamento da parte do professor pode aumentar o nível de ansiedade nos alunos? Para responder essas e outras perguntas, convidamos a psicopedagoga Cristiane Guedes, que explicou em detalhes essas questões para a Revista Appai Educar. Confira:



ANSIEDADE

RAE: Como a escola ou o professor podem identificar um aluno ansioso?

Cristiane: As reações, por se tratarem de indivíduos, podem ser diversas. Na maioria das vezes caracterizadas por um medo específico fora de proporção em relação a um risco eminente, que por sua vez é representado por fobias. Estas se apresentam, por exemplo, como medo exacerbado de animais, do ambiente ou de ferimentos. Podem aparecer também por mutismo seletivo, que seria um comportamento de esquiva, de afastamento do grupo. Além dessas questões abordadas, ainda é comum na escola o transtorno de ansiedade de separação, onde a criança se recusa a se desligar das figuras parentais, com problemas para entrar nas dependências ou na sala de aula. Esses são sintomas que devem ser avaliados pela equipe pedagógica. A família deve ser informada para que possa buscar uma ajuda especializada. Em se tratando de criança, é importante que se procure o auxílio do pediatra que a acompanha para uma indicação específica.

RAE: Por que é importante para o professor se importar com o nível de ansiedade de seus alunos?

Cristiane: É importante que o professor esteja atento à criança quando alguns desses sintomas são reconhecidos. A pessoa acometida pelo transtorno de ansiedade pouco se identifica com as questões da aprendizagem. O temor eminente nesse momento torna-se mais real e inviabiliza na criança a possibilidade de interação, seja no âmbito acadêmico ou no social.

RAE: A ansiedade interfere na aprendizagem?

Cristiane: Sim, interfere na aprendizagem e com relevância. O indivíduo relega para segundo plano a possibilidade de interagir. A angústia de forma sintomática o acomete. E no quadro que se apresenta dificilmente a criança estaria disponível para a aprendizagem.

RAE: Pais e professores tendem a fazer ajustes quando lidam com crianças ansiosas. Por que isso, ao contrário do que diz o senso comum, não é bom?

Cristiane: O adulto, de certa forma, pensa de maneira prática para a resolução de problemas. Tem a capacidade cognitiva de prever ou antecipar resultados. Muitas das vezes, por tentativa ou ansiedade para resolver as situações, tenta induzir a criança, o que não basta para que o problema seja solucionado. Quando está em um quadro sintomático, é porque algo não está indo bem e ela precisa de um tempo para a resolução de problemas. Nem sempre o transtorno de ansiedade está relacionado a uma situação específica, podendo também estar associado a uma repulsa da criança a determinadas convenções sociais que são da esfera do pensar do adulto. Portanto, a resolução de problemas não deve estar relacionada a ajustes, mas, sim, à demanda do sujeito. Nesses casos, a ajuda de um especialista é de fundamental importância.



RAE: A superproteção a uma criança também contribui para agravar os casos de ansiedade?

Cristiane: São questões complexas. Os adultos pensam com certa praticidade e em muitos momentos antecipam os processos de aprendizagem da criança. Sendo feito dessa maneira, não há um favorecimento para a criança quanto à possibilidade de constituir-se como sujeito autor de sua própria história. Assim, não deixamos que a criança decida como deve agir em determinadas situações. Promove-se com isso uma dependência que, conforme as exigências da sociedade, vão se tornando mais complexas, a criança vai tendo dificuldades para a resolução de problemas. Dessa forma, cada vez mais o adulto vai se ocupando em resolver as questões que de uma maneira evolutiva deveriam ser resolvidas pela criança em seu tempo. Essa relação de impotência fica caracterizada pelos pequenos como inabilidade social e, com isso, a interação vai se tornando cada vez mais fragilizada. Ela não consegue então se relacionar no seu meio social, escola, parque, casa de uma maneira satisfatória dentro de seus parâmetros de eficiência. Sim, a superproteção pode, então, contribuir para o estado de ansiedade pela impossibilidade na ação.

RAE: Que tipo de comportamento da parte do professor pode aumentar o nível de ansiedade nos alunos?

Cristiane: As exigências acadêmicas estão, cada vez mais, imprimindo nas crianças que sejam eficientes. Da mesma forma que as estatísticas da OMS sobre o transtorno de ansiedade deveriam ser visitadas pelas políticas

públicas, também na escola as políticas educacionais poderiam ser revistas. A Educação Infantil, no caso, deveria ser um espaço onde a criança trabalharia especificamente a psicomotricidade, as relações e deveria ter seu tempo de se constituir respeitado. Realmente o tema não tem sido tratado desta forma. Com as exigências da sociedade, a criança hoje, na escola, tem sido induzida a uma educação formal. Ela é avaliada por seu desempenho acadêmico e não por suas conquistas pessoais. Temos que entender que a criança deve ter o tempo de ser criança. Não se pode avaliá-la apenas por uma nota. Nessa competitividade estabelecida, também o professor é alvo de avaliação. A turma deve estar em um determinado nível. O que entender de minha colocação? Também o professor está sendo avaliado e induzido a uma qualidade de interação ansiosa. Portanto, as políticas educacionais devem estar atentas ao tipo de comportamento que pode aumentar a ansiedade no professor. E conseqüentemente alterar o convívio com seu aluno.

RAE: Que tipo de recomendações ou conselhos você daria a um professor para que ele se relacione melhor com alunos ansiosos?

Cristiane: A relação deve ser sempre de acolhimento. A criança acometida pelo transtorno de ansiedade está de certa forma rejeitando as convenções propostas pela sociedade. Deve-se distinguir aquilo que pertence à família daquilo que é da alçada dos desafios impostos pela sociedade. Nem sempre a criança está pronta para corresponder às exigências que se apresentam. A maior contribuição do professor será, então, ter sensibilidade no trato e acolhimento.

RAE: O que acontece se o professor também for ansioso?

Cristiane: A convivência é uma via de mão dupla. Tudo o que vai, volta. O professor ansioso deve ser diagnosticado, e a escola pode



auxiliar dando suporte as suas necessidades. O professor ansioso certamente promoverá a ansiedade na turma, podendo prevalecer uma má qualidade relacional com os alunos e, por consequência, uma má administração dos conteúdos.

RAE: Que tipo de informação os professores e os gestores públicos deveriam saber sobre a ansiedade?

Cristiane: É importante a visita do especialista para que possam ser informados acerca do transtorno. Aos gestores e aos professores cabe a sensibilidade no trato com a criança acometida pelo sintoma da ansiedade. Ela geralmente tem um comportamento diferente das demais. Cabe o entendimento de que o transtorno de ansiedade não é semelhante ao medo que geralmente acomete a criança em situações adaptativas. Ele persiste em um período longo e causa danos na relação social. O transtorno de ansiedade aparece desde muito cedo com a dificuldade da criança em

se separar da figura de apego - ansiedade de separação. A criança geralmente se coloca esquiwa em relação aos demais do grupo. Tem dificuldade de comunicar-se em grupo, apresenta mutismo seletivo e está sempre na condição de ansiedade antecipatória sobre qualquer tema proposto, o que compromete a capacidade cognitiva. É importante a visita de profissionais qualificados para abordar o tema junto à comunidade educativa e à família. É necessário compreender que a criança acometida por qualquer transtorno está em sofrimento. É preciso o entendimento de que o transtorno de ansiedade não é como o qualificado na sociedade, uma “bobagem” ou algo “passageiro”. Ele provoca angústia, medo e consequentemente o afastamento da criança em relação aos outros. A inabilidade cognitiva gera o fracasso na criança e por corolário a dificuldade de ascensão no grupo pelas notas ou qualquer outra atividade que exija dela um comprometimento mais específico. A atitude de acolhimento e aconselhamento aos pais é de fundamental importância, pois também eles entram em sofrimento.

RAE: As pessoas estão mais ansiosas hoje do que há 100 anos?

Cristiane: Vamos falar no hoje. A complexidade da vida contemporânea tem sim aumentado a condição do transtorno de ansiedade. Levantamentos da Organização Mundial da Saúde (OMS) mostram que atualmente cerca de 33% da população mundial sofre de ansiedade. O Brasil tem aparecido sempre entre os primeiros da lista na pesquisa atual da OMS. As exigências na vida de hoje estão muito exacerbadas. A abrangência do compromisso em termos de se estabelecer em sociedade tem sido o principal agravante para a etiologia do transtorno de ansiedade entre os adultos.

RAE: E no longo prazo? As pessoas se tornam mais ansiosas?

Cristiane: Os dados da OMS nos serviriam para uma prática mais adequada das políticas públicas. É certo que a situação atual de nosso país muito tem colaborado para a disseminação do transtorno de ansiedade, como está demonstrado na estatística que consta da pesquisa da OMS. Percebemos um avanço significativo na questão. Então se o adulto está atravessando essa fase, imaginemos as crianças. Na atualidade, não estamos tendo tempo e muito menos dando tempo para que elas possam viver cada etapa de desenvolvimento, de uma forma significativa. Estamos nos constituindo a partir de uma pressa exacerbada de resultados esperados pela sociedade. Só que, para os obtermos em boa medida, temos que nos constituir, experimentar e decidir. A qualidade da decisão, por estar no contexto da pressa, quase sempre nos faz retornar ao pensamento original por não termos dado conta de realmente elaborar uma decisão segura. Seria então um ciclo vicioso do qual o sintoma muitas das vezes liberta.

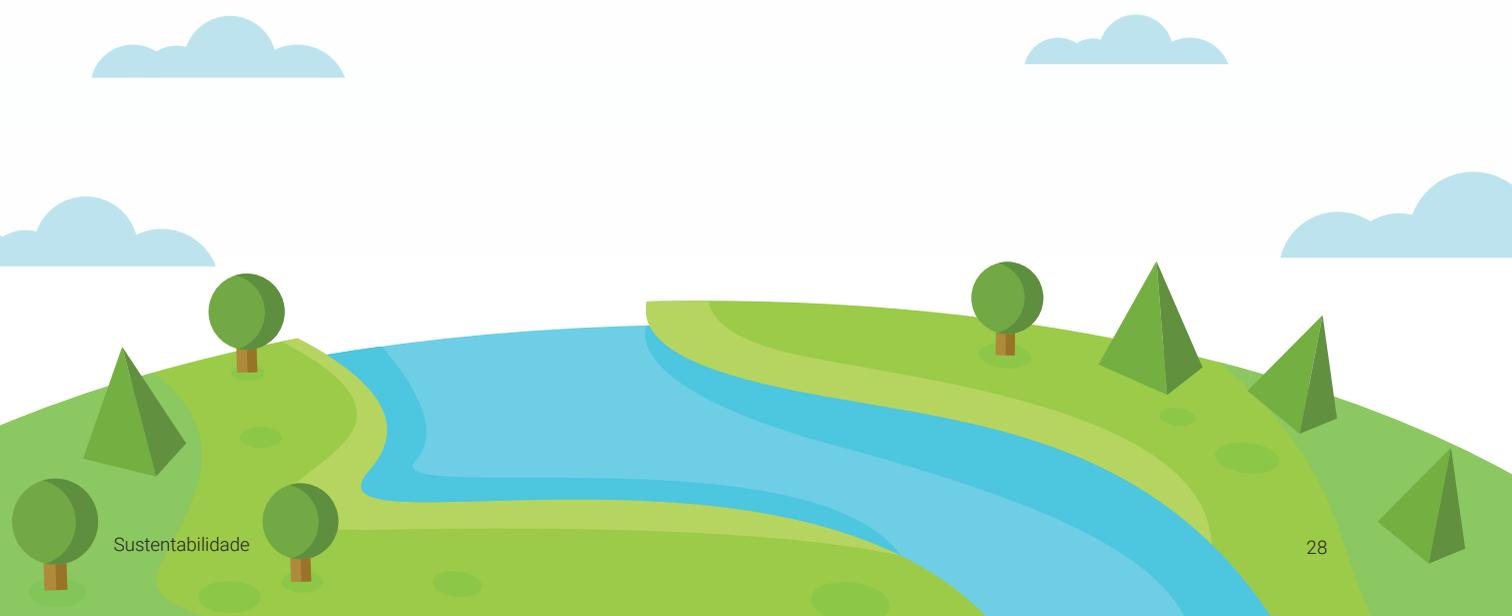
■ *Por Jéssica Almeida*

Cristiane Guedes tem Licenciatura em Educação Artística pelo Instituto Metodista Bennett (1991). Possui experiência na área de Educação e é Mes-tranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade – Universidade Veiga de Almeida.



Sustentabilidade

DE MÃOS DADAS COM A MÃE NATUREZA



Alunos de Itaboraí não somente aprenderam os conceitos da preservação do meio ambiente, como também agiram, plantando e cultivando mudas

Com o pressuposto de que a escola é reconhecida como um local onde circulam fluxos humanos, onde há investimento, geração de riquezas materiais e culturais e onde se travam interações sociais, docentes da Escola Municipal Promotor Luiz Carlos Caffaro promoveram uma atividade que é cheia de vida, na qual os alunos tiveram contato direto com a mãe natureza.

Ensinar a importância de reflorestar é uma grande oportunidade de proporcionar aos alunos um viés para que eles vejam o mundo de uma maneira diferente e se tornem cidadãos mais conscientes. Assim, articular junto aos alunos o enriquecimento do saber, bem como lhes possibilitar a compreensão de fenômenos da natureza, da ação humana sobre os recursos ambientais é requisito indispensável ao processo de aprendizagem.

O projeto batizado de *Sustentabilidade e Preservação do Meio Ambiente* contribuiu de forma relevante para a reflexão dos alunos, já que o conhecimento se constrói através da vivência, ou seja, por meio da aprendizagem de forma significativa e prazerosa. A metodologia de formato dinâmico tornou os alunos mais preparados e informados sobre a educação ambiental, que é um processo longo e contínuo. Assim, viabilizou, acima de tudo, a conscientização de toda a comunidade escolar de que é preciso mudar os hábitos e atitudes.

Para os coordenadores do projeto, Raphael Ribeiro Novaes e Hosana Rodrigues da Silva e Souza, a meta é que a ação educativa saia da escola e atinja a comunidade através de programas de orientação e educação ambiental promovidos pelos próprios alunos. Cientes de que a escola é uma instituição de conhecimento e auxiliadora no processo de conscientização, foi trabalhado o tema meio ambiente/reflorestamento, enfatizando que o equilíbrio da natureza é essencial para a vida na terra e que a escola tem que estar engajada na busca de soluções para a sua preservação. O pontapé inicial foi reflorestar os arredores da unidade escolar.

Mas tudo começou com pesquisas, tanto na biblioteca quanto na sala de informática, sobre o desmatamento, recursos e reservas ambientais, poluição das águas e do meio ambiente, extinção da fauna e flora, a ação do homem sobre a natureza, preservação e também sobre as plantas nativas do município de Itaboraí, englobando as melhores formas de cultivá-las.

Para consolidar o projeto, os professores desafiaram os alunos a fazer o plantio das mudas na escola, bem como cultivá-las e desenvolver uma

"...os alunos precisam compreender que sem os recursos naturais não há sobrevivência."

dança representativa sobre a ideia da temática, proporcionando uma formação coletiva. Para Raphael, "assim constroem-se valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências acerca da conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à qualidade de vida e sua sustentabilidade. Assim, reflorestar é condição *sine qua non* para atingirmos essas metas", ratifica.

Diante dos registros acerca da evolução no planeta, um artigo científico do Ministério de Educação, e utilizado como metodologia para a execução deste projeto, enfatiza que nos últimos séculos o ser humano se posicionou como o centro do universo, acreditando que a natureza estava à sua disposição e usufruindo dela de forma irracional, como se fosse infinita. O homem se apropriou de seu processo, alterou seus ciclos, redefiniu seus espaços... Assim, o corpo docente decidiu que esta visão fragmentada não deveria existir na escola, pois os alunos precisam compreender que sem os recursos naturais não há sobrevivência.



O projeto possibilitou a compreensão de fenômenos da natureza, da ação humana sobre os recursos ambientais

Não restam dúvidas de que promover a compreensão das questões ambientais é algo urgente e necessário em todos os segmentos sociais. Para Hosana Rodrigues, no que diz respeito ao contexto escolar, é possível disponibilizar conhecimentos científicos. “A sociedade já os coloca ao alcance dos alunos, constituindo-se assim um espaço ideal de trabalho onde se desencadeiam experiências e vivências formadoras de consciências mais vigorosas porque são alimentadas no saber”, explica.

Para a aluna Franciele da Silva, a educação ambiental é uma necessidade. “Precisamos preservar os recursos naturais. Quando desenvolvemos projetos desse tema na escola, conseguimos multiplicar e conscientizar as informações para todos formando assim uma grande rede para ajudar na conservação do Planeta”, enaltece.

Assim, o sucesso do *Sustentabilidade e Preservação do Meio Ambiente* explorou a imaginação, a curiosidade e a criatividade, estimulando a temática de interesse, o reflorestamento. Ofereceu aos alunos conhecimentos, conceitos e ideias básicas sobre a necessidade da preservação ambiental. Proporcionou condições para a realização de trabalhos práticos que possibilitassem vivenciar investigações sobre essas questões. Conscientizou os estudantes sobre a importância do meio ambiente e como o homem interfere nele, focando em primeiro lugar a escola e o que se pode fazer para preservar. Discutiu sobre os diversos tipos de destruição, agressão e degradação do meio ambiente e foi repassando embasamentos para evitar essa crueldade que ameaça a mãe natureza. Ainda estimulou a leitura e a escrita nas diversas áreas relacionadas a esse tema.



Plantar e cultivar foi a proposta do projeto para enaltecer a mãe natureza em forma de educação ambiental

Acima de tudo, formou jovens protagonistas criadores de ações que contribuíram na transformação social da comunidade escolar, tornando-se exemplo à sociedade, pois ao conhecerem a geografia do município em que moram e do local em que fica a escola, tiveram ciência das plantas nativas da região, para atuarem de forma significativa no reflorestamento. Embasados neste conhecimento, os alunos produziram textos críticos e argumentativos, bem como criaram cartazes contendo pesquisas e conclusões sobre a temática. E, para selar a excelência do projeto, diversas mudas foram plantadas e cultivadas no pátio da escola.



■ Por Richard Günter

Escola Municipal Promotor Luiz Carlos Caffaro

Rua Raimundo de Farias, s/nº – Ampliação
Itaboraí/RJ

CEP: 24800-000

Tel.: (21) 2635-6629

Coordenadores do projeto: Rapahel Novaes e
Hosana Rodrigues

Fotos cedidas pela escola

IN

TO

LE

RÂN

CIA

A intolerância, mesmo invisível, vem fazendo um estrago em todas as esferas e classes sociais. Veja os números e entenda por que esse sintoma se mostra cada vez mais presente entre a população

A multiculturalidade do Brasil é sempre mencionada para identificá-lo como um lugar de muitas religiões, costumes, etnias, etc., porém isso não faz do país um lugar, necessariamente, harmônico. Há cada dia presenciados uma nova problemática no que diz respeito à convergência multicultural. Ou seja, a falta de harmonia entre as diferenças tem acarretado conflitos reais que vão deixando marcas severas na sociedade.

O preconceito não se configura apenas quando nos referimos a cor da pele, nível social, sexualidade ou recurso intelectual. Ele também está presente nos pequenos comentários e atitudes diárias em que julgamos pessoas ou fatos sem um prévio conhecimento, ocasionando, muitas vezes, erros irreparáveis. Atualmente, a internet tem se tornado o canal fonte para a disseminação do ódio, já que lá não há um filtro automático para eliminar as mensagens de intolerância, além de não ser possível identificar com precisão quem são os verdadeiros personagens que estão por trás de um perfil numa rede social, por exemplo.

De acordo com dados da ONG Safernet, apenas entre os anos de 2010 e 2013, aumentou em mais de 200% o número de denúncias contra páginas que divulgaram conteúdos racistas, misóginos, homofóbicos, xenofóbicos, neonazistas, de intolerância religiosa, entre outras formas de discriminação contra minorias em geral. É um dos lados negativos da plataforma que possibilita o poder de expor o que se pensa. Muitos internautas estão atentos e rapidamente denunciam postagens que contêm cunho ofensivo, mas esses *posts* são uma parcela mínima comparada à proporção infinta que a *web* visualiza, pois há aqueles que agridem sem testemunha ou expectador.

Uma pesquisa realizada pela Agência Nova/sb, batizada de Comunica Que Muda (CQM), monitorou dez tipos de intolerância nas redes sociais. Toda vez que alguma palavra ou expressão referente a um desses assuntos aparecia em uma postagem do Facebook, Twitter, Instagram, de algum *blog* ou comentário em *sites* da internet, este *post* era recolhido e analisado pela equipe do CQM. Foram estudadas mais de quinhentas mil menções nas quais os comentários positivos ou neutros são diariamente encobertos por uma enxurrada de colocações negativas.

Percentual de menções negativas



Menções em 3 meses



Esses números fomentam a sensação de que a internet criou essa vasta onda de intolerância. Todavia, são as redes sociais que amplificam os discursos de ódio já existentes no cotidiano. Quando um indivíduo posta ou compartilha algum conteúdo

neste teor, ele está corroborando e ratificando um preconceito já existente nele. É um reflexo no mundo virtual do que faz parte da realidade daquela pessoa ou da sociedade.

Não sou preconceituoso, mas...

Aceitar um indivíduo diferente de nós em sua cultura, moral, ideologias ou padrões estéticos é primordial para o convívio pacífico em sociedade. Mas como podemos saber se estamos sendo preconceituosos se muitas vezes nem percebemos que estamos discriminando alguém? De acordo com a pesquisa CQM, a desconstrução de preconceitos velados não é fácil nem rápida, mas é

preciso que tenhamos capacidade de perceber que comentários e atitudes podem causar grandes estragos sobre outras pessoas, que têm sentimentos e se ofendem, assim como você.

O preconceito se esconde nos diálogos do dia a dia e, muitas vezes, as pessoas não se dão conta de que seu comportamento ou comentário tem cunho preconceituoso.



Por exemplo, uma professora manda um bilhete para a mãe de uma de suas alunas afrodescendentes dizendo que a garota ficaria mais bonita se “abaixasse” o cabelo.



O homem que atravessa a rua ao ver mendigos na sua frente.



Alguém que ressalta o fato de que uma mulher está ao volante do automóvel.



Ou quando se avalia a inteligência de uma pessoa por conta da cor do seu cabelo. Desconstruir esses conceitos é o primeiro passo em busca de uma sociedade mais igualitária e menos segregadora.

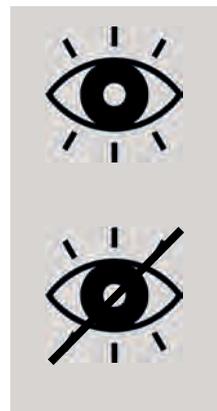
Intolerâncias visíveis e invisíveis

Como saber se estamos sendo preconceituosos? Qual é a diferença entre o preconceito visível e o invisível? Certos comentários e atitudes, mesmo que não tenhamos a intenção, podem causar grandes estragos na vida de outras pessoas, que também têm sentimentos e se ofendem.

Dentre as diversas formas de intolerância, existem aquelas que são visíveis e as que são invisíveis. Na primeira, os atos são facilmente percebidos como preconceituosos ou discriminatórios, têm alvo explícito. É feita de maneira direta, para alguém ou para uma figura pública, o que corresponde a 72% dos casos, revelando que esse tipo de intolerância, na maioria das situações, possui um alvo.

Já a intolerância invisível pode ser algum comentário ou expressão, que muitas vezes passam despercebidos por aqueles que não sentem na pele esse tipo de preconceito. Se esconde em casos cotidianos e muitas vezes nem nos damos conta de nosso comportamento ou comentário preconceituoso. Um exemplo disso é quando um jovem diz para uma pessoa mais velha que ela “já não tem mais idade para certas coisas”.

Além da intolerância visível e invisível, existem também a real e a abstrata. A primeira é aquela que é referente a um caso concreto ou pessoa física. Já a abstrata não se restringe a um alvo determinado, atingindo de maneira geral a todo um grupo de pessoas.



Intolerância na internet

Por permitirem o anonimato e parecerem um terreno em que prevalece a impunidade, as redes sociais estão cada vez mais sendo usadas como um canal para discriminar determinados grupos sociais. No Brasil, a intolerância de maior audiência na internet é a política (com 220 mil menções), a segunda mais comum é a misoginia (com 50 mil comentários), seguida por preconceitos relacionados a deficiência, aparência e raça.

A conclusão é de uma pesquisa realizada pela Comunica Que Muda, que, utilizando a plataforma digital da agência Nova/sb, analisou mais de 500 mil menções na internet, entre abril e junho de 2016. O estudo mapeou os dez tipos mais recorrentes de intolerância nas redes sociais no país, em relação à aparência das pessoas, às suas classes sociais, às inúmeras deficiências, à homofobia, misoginia, política, idade/geração, racismo, religião e xenofobia.



Os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, pela ordem, concentram o maior número de postagens preconceituosas. Em termos relativos, na proporção com o número de habitantes, o Distrito Federal está no topo da lista. “Cabelo ruim”, “gordo”, “retardado mental”, “boiola”, “golpista”, “velho” e “nega” estão entre as expressões que predominam nas nuvens de palavras encontradas nos posts que evidenciam diversos tipos de intransigência em relação ao outro.



Como denunciar um crime virtual?

O denunciante deve reunir o maior número de provas possíveis. É essencial imprimir as páginas, guardar os endereços virtuais, salvar os *links* dos indivíduos responsáveis pelo crime e tirar cópia das ofensas. Uma vez que as provas estejam reunidas, o denunciante pode dirigir-se a qualquer tipo de delegacia. Há, em certos locais, aquelas especiais para crimes virtuais.

Intolerância na sua *timeline*: vai deixar barato?

Já passou o tempo em que a internet era terra de ninguém. Hoje existem alguns serviços importantes para denunciar os intolerantes digitais. Seja no Facebook, no Twitter ou nos comentários de algum portal de notícias, se algo soar ofensivo, você pode e deve denunciar.



Para denúncias via *e-mail*:

Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil (Cert)

Para enviar denúncias de mensagens ofensivas, deve-se enviar uma cópia do *e-mail* original e informar a instituição que está sendo utilizada no golpe.
E-mail: mail-abuse@cert.br

Centro de Atendimento a Incidentes de Segurança (Cais) da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP)

Para encaminhamento de denúncias, deve-se enviar uma cópia do *e-mail* original e avisar à empresa de que o seu nome está sendo usado na execução de um golpe virtual.

E-mail: phishing@cais.rnp.br

Para enviar denúncias de aplicativos suspeitos, cavalos de troia e outros programas maléficos usados nos golpes *on-line*.

E-mail: artefatos@cais.rnp.br

Denúncias de crimes na internet também podem ser feitas ao canal da Divisão de Comunicação Social da Polícia Federal.

E-mail: crime.internet@dpf.gov.br



Para denúncias por telefone:

Você pode contar com o serviço do Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos. É só discar 100.



Para denúncias via *sites*:

www.humanizaredes.gov.br – Denuncie mensagens preconceituosas, racistas, xenofóbicas e que violem os Direitos Humanos.

www.safernet.org.br/site – Organização não governamental que reúne especialistas para combater crimes digitais. Denuncie delitos como pornografia infantil, racismo, xenofobia, intolerância religiosa, neonazismo, apologia e incitação a crimes contra a vida, homofobia, apologia e incitação a práticas cruéis contra animais e tráfico de pessoas.

www.ic3.gov/default.aspx – Site para denunciar crimes digitais internacionais.

ja
eco
Babão
pecado
m
OSO
Rosca
ho
idigo
Retardado mental

A realidade está presente na nossa frente, mas às vezes não enxergamos

A intolerância por aparência é percebida desde a infância, percorrendo a adolescência, fases em que o *bullying* é bastante praticado. Já conhecido mundialmente, o termo é usado para caracterizar atos de violência psicológica, física, verbal, material, moral sexual e virtual que acontecem principalmente nos ambientes escolares. O que tem se discutido também é que não são apenas os estudantes que sofrem essa represália. A mídia tem nos mostrado que os professores têm sido constantemente alvo de violência dentro da sala de aula.

“Tolerar o próximo significa conseguir manter uma relação positiva mesmo com pessoas completamente diferentes de você.”



Aparência

O site brasileiro de empregos Catho constatou, com base em uma pesquisa feita em 2013, que 6,2% dos empregadores confessaram não contratar pessoas obesas para os cargos oferecidos. Em uma sociedade em que o bonito é ser magro, há uma falsa ideia de que quem faz piada com o peso alheio está apenas “preocupado” com a saúde do outro. Enquanto isso, pessoas que podem muito bem sofrer de algum transtorno alimentar, como anorexia e bulimia, são quase que obrigadas a viver com vergonha de seus corpos.

Classes sociais

Esse preconceito está relacionado ao poder aquisitivo, ao acesso à renda, à posição social, ao nível de escolaridade e ao padrão de vida dos indivíduos. Um exemplo em nosso cotidiano está na atitude geral da população ao cruzar, por exemplo, com um morador de rua nas vias das grandes cidades brasileiras. Em muitos casos, as pessoas mudam de calçada ou de caminho para evitar o confronto, e fazem isso movidas por um “pré-conceito” ou por conclusões precipitadas baseadas em estereótipos. O preconceito de classe é um tema recorrente na obra de Karl Marx, que fazia uma crítica ao capitalismo e à divisão de classes sociais. Atualmente, esta forma de discriminação está presente em todos os níveis sociais e pode ser visualizada em todas as cidades do Brasil, onde conseguimos notar as diferenças da infraestrutura entre os bairros nobres e os da periferia.



Ilustração por Joan Negrescolor para o livro "Hay Clases Sociales"

Homofobia

O professor de Inglês Wellington Cadinelli, em um relato exclusivo à Revista Appai Educar, revela que sofreu preconceito tanto dos alunos como da gestão escolar. “Eu fiquei cinco anos como professor numa escola pública do interior. Fui carinhosamente apelidado de 'Mona' por uma turma particularmente difícil. Eles não me aceitavam de forma alguma, tinham um comportamento terrível e eram os únicos que usavam de maldade com minha orientação sexual. Quando dei um sermão na turma, fui denunciado pelos pais no conselho tutelar por constranger os filhos deles. Foi uma época horrível”, diz o professor. As considerações eram acionadas à gestão escolar, mas os responsáveis sempre desconversavam o preconceito. Logo, o professor precisou se mudar para a capital do Rio de Janeiro para continuar lecionando.



“Eu fui carinhosamente apelido de 'Mona' por uma turma particularmente difícil. Eles não me aceitavam de forma alguma, tinham um comportamento terrível e eram os únicos que usavam de maldade com minha orientação sexual.”



Para Wellington, a educação mudou muito comparado ao tempo de sua infância. Aos 26 anos, ele acredita que a violência na escola está sendo um caminho árduo de se combater. “A gente tá numa época onde valores de respeito caíram muito por terra. Quando eu era aluno, o professor era mais empoderado. Hoje em dia, qualquer iniciativa por parte do professor pra re-preender é inútil. O aluno manda. As coisas se inverteram. Todas as campanhas de respeito estão virtuais demais”, aponta. Indagado se havia intolerância por ser um professor muito jovem, ele foi enfático: “Olha, por parte dos estudantes não. Ser mais jovem é a melhor coisa pra se conectar bem com eles. Mas, por parte da direção e pais de alunos, era frequente no começo. Eu quase não tinha voz”, confessa.

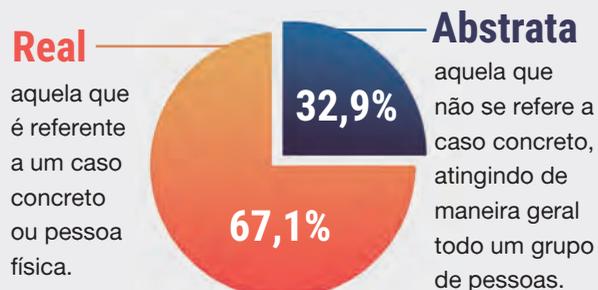
Pessoas com deficiência

De acordo com a pesquisa da Agência Nova/sb, a intolerância contra deficientes acontece, geralmente, de forma disfarçada. “Eles têm limitações diárias de locomoção, acessibilidade, empregabilidade e acesso aos estudos, além de ter de lidar com ofensas e piadas com a própria condição. Os crimes contra deficientes envolvem intimidação, abuso, comentários de mau gosto, imitações e ataques morais. E a internet facilita abordagens de ódio”, revela o estudo.

Uma situação bem comum em nosso dia a dia é a questão dos lugares especiais reservados para pessoas com deficiência, como assentos em ônibus e metrô, vagas preferenciais, atendimento exclusivo em bancos, empresas, instituições. É comum que esse espaço seja ocupado, e a pessoa acabe discutindo ou brigando apenas para ter os seus direitos respeitados. “A ausência de uma edu-

cação inclusiva, que ensine noções de cidadania, respeito e convivência, é o principal estímulo para esse tipo de intolerância. Como fruto, pessoas com deficiência acabam tendo seus direitos negados, podem sofrer de baixa autoestima e passam a vida sentindo-se impotentes”, analisa o estudo.

Intolerância contra deficientes



Religião

A professora de história Analice Martins conta para a redação que seu problema era discutir religião. “O maior dilema não era acreditar ou não acreditar, era se posicionar”, critica. A educadora relata que sofria preconceito quando usava acessórios africanos ou roupas com estampas relacionadas à umbanda. “Já cheguei a ouvir de uma coordenadora que ‘não pegava bem’ eu mostrar que tinha uma religião que não fosse convencional, que os alunos deveriam receber educação religiosa em casa. Mas eu, como uma professora historiadora, fiz questão de quebrar essa barreira e lecionar sobre a vida de Jesus, Maomé, Buda, a construção histórica das religiões como a católica, evangélica, espírita, umbandista, islâmica, entre tantas outras, para mostrar aos meus alunos que é essa diversidade que constrói nossas raízes, e que jamais deve ser perdida. Precisamos saber sobre as outras religiões para entender o próximo”, enfatiza.



“...é essa diversidade que constrói nossas raízes, e que jamais deve ser perdida. Precisamos saber sobre as outras religiões para entender o próximo.”

Racismo

Casos notórios, como as ofensas contra a jornalista Maria Julia Coutinho, a atriz Taís Araújo e a cantora Ludmilla, entre outros, ajudaram a tornar o racismo um pouco mais explícito. Não é novidade no Brasil que comentários racistas são em sua maioria velados e até muitas vezes inconscientes, presentes no vocabulário popular e enraizados na cultura.

Luana Toletino, de 33 anos, é professora de História há nove anos e faz Mestrado na área. Neste ano, foi vítima de preconceito racial em Belo Horizonte, Minas Gerais, quando seguia para a escola onde trabalha. Ela foi parada na rua por uma mulher desconhecida, que lhe perguntou: “Você faz faxina?”. Espantada com a abordagem, Luana respondeu: “Não. Faço mestrado. Sou professora”.

Ela afirmou não ter ficado ofendida pela pergunta da mulher. “Eu já fui faxineira e acho uma profissão muito digna. Não fiquei ofendida. Algumas pessoas falaram para mim, ‘ah, mas só porque ela achou que era faxina?’. Não é isso. É um sentimento de ‘poxa vida, por que ela tem que achar que eu só posso ser faxineira?’. É um descontentamento. Por que me abordar e falar isso? O que me dói é as pessoas me lerem dessa forma por ser negra. Foi muito invasivo”, disse.

Luana fez uma publicação nas redes sociais contando a história. O *post* teve mais de 2,5 mil compartilhamentos. No texto, ela fala sobre como o preconceito contra afrodescendentes é enraizado na sociedade.



A ONG Criola, organização que atua na defesa e promoção de direitos das mulheres afrodescendentes, lançou a campanha “Racismo virtual. As consequências são reais”. O vídeo pode ser conferido no canal oficial da WEhaus no [Vimeo.com](https://www.vimeo.com)

Misoginia

Nome dado ao ódio e à aversão às mulheres, que sofrem com o machismo diariamente. Assédio, ódio declarado, incitações a estupro, nudez vazada, pornografia de vingança e discursos travestidos de “piada” são alguns exemplos do que representa a misoginia, seja ela *on-line* ou *off-line*. A pesquisa da Agência Nova/sb garante que a misoginia também ganha proporções muito maiores no meio digital. “Existe uma linha muito tênue entre o que é liberdade de expressão e o que se torna discurso de ódio. Ao mesmo tempo que a internet oferece mais espaço para que as pessoas digam o que querem, ela também escancara a desigualdade de gênero existente em todas as esferas da sociedade. O bom de tudo isso é que, enquanto alguns procuram difundir e ridicularizar mulheres pela *web* a fora, elas estão usando o espaço para dialogar, debater e promover grupos de discussão, ajudando umas às outras. Afinal, a luta contra o machismo vai bem além da tela do computador”, segundo dados do estudo.

Xenofobia

A crescente onda migratória dos últimos anos fez com que a xenofobia voltasse com força em todo o mundo. Dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos, do Ministério da Justiça e Cidadania, mostraram um aumento de 633% nas denúncias de xenofobia no país apenas em 2015. As maiores vítimas foram haitianos, com 26,8%, e procedentes de países de cultura árabe, com 15,4%. Como gritam os números, a chegada em massa de imigrantes do vizinho da América Central foi o ponto de partida dessa explosão por aqui, mas eles não são as únicas vítimas. Pessoas de outras culturas também já relataram agressões, especialmente latino-americanos, africanos e árabes. Além disso, temos no Brasil uma espécie de xenofobia interna, com o discurso de ódio regional sempre presente, principalmente contra nordestinos.

Intolerância contra mulheres

Visível

aquela que discrimina explicitamente uma pessoa ou grupo de pessoas.

82,3%

17,7%

Invisível

aquela que não é explícita, aparece velada em algum comentário ou comportamento.

Política

Coxinha ou mortadela? A intolerância política está cada vez mais em evidência no Brasil. Ódio fomentado principalmente a partir das campanhas para a última eleição, em 2014, impulsionado pelo resultado apertado e constantemente alimentado pelas crises política e econômica. No meio dessa confusão toda, proliferaram memes e notícias falsas nas redes sociais, com discursos extremamente rasos que incentivam o ódio e a divisão, cujo objetivo é desmoralizar o outro lado, aproveitando-se do fato de que muitas pessoas não checam as informações publicadas na internet, acirrando ainda mais a disputa. “O efeito disso é a negação completa do lado oposto, que deixa de ser visto pelo que é, um grupo que tem uma posição política diferente da sua, para ser encarado como inimigo, um erro clássico de quem ainda não aprendeu a brincar de democracia”, exemplifica o dossiê.



É possível educar sobre intolerância desde muito pequeno



De acordo com o professor Éliton, as crianças repassam o aprendizado para seus amiguinhos fora da escola

Em Itajaí, Santa Catarina, um professor de educação física que dá aula para o ensino infantil tem se destacado pelo Brasil e em outros países por sua metodologia interdisciplinar aplicada em sala de aula. O Mestre Éliton Rufino Seára utiliza um violão e canções autorais para conscientizar os pequenos acerca de diversos assuntos, inclusive o respeito ao próximo. Sua ideia principal é a de se conectar com os diversos campos do saber. “Desse jeito, procuro falar que meu trabalho busca desenvolver e instigar as crianças para a criatividade, a diversidade e a diversão em aprender. É triste pensar que, ao sair da educação infantil, elas se encontram com uma escola que, muitas vezes, nega e aprisiona o lúdico, por isso faço o máximo de esforço para que possam ter esses momentos na educação infantil”, enfatiza.

“Quando uma criança aprende uma música sobre o respeito, uma atividade que fala de valorizar a natureza e o meio ambiente, ou algo sobre alimentação, ela vai pra casa e trata logo de compartilhar suas novas experiências.”

Em sua página oficial do Facebook, os vídeos com cantigas e dicas de músicas para lecionar para crianças já somam mais de 100 milhões de visualizações. De acordo com o professor, as canções que viralizaram na internet, na maioria das vezes, foram compostas no chão da escola. “Todas as minhas composições, praticamente, nasceram em meio às aulas, nos corredores do CEI”, explica.

A música “O meu amigo eu vou respeitar” surgiu numa sala de Jardim em um momento no qual os nervos das crianças e o do professor estavam aflorados. “A classe estava apresentando sérios problemas de agressividade, o que impossibilitava muitas ações e, inclusive, estava dificultando a convivência entre as próprias crianças. Então, fui até minha pequena sala de educação física (que mais parece uma mini quitinete) e peguei meu violão. Foi ali, naquele turbilhão,

que criei a canção”, revela. Nela, Éliton questionou se bater, morder, empurrar, beliscar era algo bom e se aquilo fazia as pessoas ficarem felizes. A resposta, como esperado, foi que não. Mas ao mesmo tempo pensou: por que não apontar o contrário disso? Assim, aproveitou o ensejo e perguntou se carinho, abraços e ajudar as pessoas era algo bacana, que trouxesse boas energias. “A resposta foi sim. Naquele instante surgia a música que mudou a minha relação com o que eu entendia acerca da importância da música/musicalização na educação infantil. Hoje dou muito mais valor, vejo muito mais significado nessas práticas e corroboro o que diz um grande pensador: ‘O novo educador incentivará os sons à vida humana’”, enaltece.



Outras questões que sempre menciona em suas aulas e palestras é a relação do brincar, das ações no dia a dia com as crianças e a possibilidade de os educadores se envolverem com questões importantes, como a relação da diversidade, do respeito às diferenças e da quebra de estereótipos.

Questionado sobre a resposta das crianças às atividades, Éliton é enfático: “Percebo uma relação de aprendizado muito intensa quanto aos diferentes temas da vida humana. Quando uma criança aprende uma música sobre o respeito, uma atividade que fala de valorizar a natureza e o meio ambiente, ou algo sobre alimentação, ela vai pra casa e trata logo de compartilhar suas novas experiências. E quer saber o que eu acho disso? Formidável, espetacular. As crianças nos ensinam que os conteúdos e as habilidades que lhes queremos ensinar pode ser repleta de sentimentos, de sorrisos, de afetos, de cheiros, cores e vida. Acredito imensamente na educação infantil. Se levarmos fé num trabalho transformador e, principalmente, não ficarmos estagnados nas mesmas formas de ensinar, construiremos novas metodologias, novas pontes e uma educação infantil cada vez mais rica”, exalta o Mestre Éliton Rufino Seára.

Conheça a página oficial do Professor Éliton no Facebook:

www.facebook.com/EFeducacao infantil

O que no cotidiano te é insuportável?

| Opinião especial para a matéria de capa, por Vinicius Cardoso Pasqualin

Ouvi esta pergunta em um seminário no Hospital psiquiátrico São Pedro que me serviu como disparadora de um processo crítico, e é com ela que inicio esse texto e já digo a resposta. O que me é insuportável no cotidiano é a **INTOLERÂNCIA!** Mais do que o preconceito.

Voltaire diferencia intolerância de preconceito onde coloca: “O preconceito é uma opinião sem julgamento”, e até afirma a existência de “preconceitos universais, necessários, que representam a própria virtude”. E a intolerância é a dificuldade de o ser humano aceitar “bipolaridades”, especificamente as religiosas, o que pode levar o homem a um comportamento agressivo, à perseguição do adversário.

Evitar a intolerância é possível, se a sociedade puder desfrutar de boa educação, inclusive a linguística, e estiver, conforme o conceito de Adorno

(1971), orientada contra a barbárie. Libertar-se dela é resistir sem destruir, sem ofender, sem agredir pela linguagem ou pelas ações.

A língua costuma espelhar o que acontece na sociedade. Pode acontecer de pensamento e realidade serem intraduzíveis. Não porque haja lacunas na língua, mas porque o sujeito mal compreende a realidade ou seu próprio pensamento.

Então, professores e leitores da Revista Appai Educar, só aí já temos uma missão, a de incluir. A inclusão pode ser colocada como uma estratégia que (re)configura os espaços escolares e as ações realizadas nas escolas. É um fazer fluir para fazer sair, é uma necessidade contemporânea de desenvolver habilidades que faz da escola um espaço transitório e de estímulo ao desejo de um futuro melhor numa sociedade neoliberal que formata as

**“Tudo o que não for
trabalhado na escola,
o que ele (aluno) não
escuta, de alguma
maneira volta, em for-
ma até de violência.”**

peças no presente colocando-as no lugar de sujeito aprendente, ou seja, de alguém que precisa cada vez mais aprender. Aqui, a ideia é tentar ampliar o olhar para a intolerância e o que ela quer nos dizer. Essa escrita era mais para provocar reflexão, já que as realidades são diferentes e paralelas, mas acho importante compartilhar algumas coisas que aprendi na minha caminhada.

É legal trazer o movimento de mediação de conflitos nas escolas, pois existe uma implicação legal dos alunos e tem dado bons resultados. Trabalhar com outras linguagens, filmes, música, fotografia, estimular o debate entre os alunos. Aprendi que tudo que não é dito não é elaborado, ou seja, tudo o que não for trabalhado na escola, o que ele não escuta, de alguma maneira volta, em forma até de violência. Se fazer entender é uma dificuldade, precisamos assumir isso. Tudo tem uma história e um contex-

to, inclusive nós, e é importante termos isso claro, pois serve de ferramenta para nós e para o outro. Promover a polêmica é bom, é importante aceitarmos que as diferenças existem e tentar entender o lugar de fala do outro. O meu lugar de fala é de um homem cisgênero (que se identifica com seu sexo biológico), branco (de origem afro) de orientação homossexual, 28 anos, de família que mudou de configuração ao longo dos anos (divórcios, irmãos, pais) e psicólogo. Essa opinião que aqui vos escrevo foi construída com muita vida, assim como várias outras aí pelo mundo.

O que no cotidiano nos é insuportável? Talvez lidar com a diferença, se desconstruir, se refazer, reaprender, dificuldades de completar as missões que nós mesmos nos damos, aceitar o possível... O que nos é insuportável?



Vinicius Cardoso Pasqualin é psicólogo (CRP 07/22901), especialista em Família, Casal e Sexualidade, mestrando em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Membro do núcleo de estudos continuados DOMUS. Além de psicólogo clínico e escolar.

■ *Por Jéssica Almeida e Richard Günter*

Fontes: Comunica Que Muda, Guia de Direitos, Grupo Escolar, ONG Safernet e Catho.

A ORLA DOS CONSAGRADOS

Você sabia que no calçadão das praias cariocas há uma explosão literária?

Personalidades brasileiras, intelectuais que foram importantes na vida do Rio de Janeiro, continuam presentes no cenário carioca, mas agora na orla entre a Pedra do Leme e o Mirante do Leblon. Estátuas de bronze, em tamanho real e sem pedestal, foram construídas em pontos específicos de modo que o visitante possa registrar o momento fotograficamente, apreciando a paisagem.

No total são seis atrações distribuídas em quase 9 km, num circuito carregado de histórias que mudaram a forma dos brasileiros sentirem suas emoções e se expressarem no dia a dia. Passeando pelo famoso calçadão em pedra portuguesa (criado nos anos 1970 pelo paisagista Burle Marx), o professor que oportunizar ao aluno a realização deste passeio promoverá uma apreciação da literatura viva.

Conheça os pontos:



Clarice Lispector

Trata-se da primeira estátua de bronze de uma artista mulher no Rio de Janeiro, inaugurada em 14 de maio de 2016. A escritora foi esculpida ao lado do cachorro Ulisses, pelo artista Edgar Duvivier. O Leme foi o local escolhido, pois ela viveu nesse bairro durante doze anos. A atração está instalada na mureta da Pedra do Leme, próximo ao posto 1.

*- Não sei amar pela metade. Não sei viver de mentira. Não sei voar de pés no chão.
Sou sempre eu mesma, mas, com certeza, não serei a mesma para sempre.*

Ary Barroso

Caminhando 400 metros a partir da Pedra do Leme, na Avenida Atlântica 456, encontra-se a estátua deste compositor brasileiro de música popular, que ficou famoso pelos seus sambas e especialmente pela música “Aquarela do Brasil”. Criado em 2002, o monumento foi uma solicitação dos moradores do bairro para homenageá-lo, já que passou seus últimos 40 anos no local.



- Brasil, meu Brasil Brasileiro. Meu mulato inzoneiro. Vou cantar-te nos meus versos.



Tom Jobim

A escultura retrata Tom Jobim jovem, nos anos 1960, carregando um violão nos ombros. Feita pelas mãos da escultora Christina Motta, autora também da estátua de Brigitte Bardot em Búzios, foi inaugurada em 8 de dezembro de 2014. Localizada no calçadão de Ipanema, a homenagem foi feita para comemorar os 20 anos de saudade do artista que cantou a cidade e principalmente Ipanema para o mundo, imortalizado com a canção Garota de Ipanema considerada o hino da Bossa Nova.

- Olha que coisa mais linda mais cheia de graça. É ela, menina, que vem e que passa. Num doce balanço a caminho do mar.

Carlos Drummond de Andrade

Considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX, sem dúvida alguma é a estátua de bronze mais famosa do Rio de Janeiro. Sentado num banco do posto 6 de Copacabana, é um convite a todos que passam para posar ao seu lado. Inaugurada em 30 de outubro de 2002, a obra é do mineiro Leo Santana.

- E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José?



Dorival Caymmi

Seguindo adiante pelo calçadão de Copacabana, logo a uns poucos metros depois da estátua de Drummond, encontra-se a de Dorival. Carregando o seu violão, o músico saúda quem passa. Compositor de várias canções de grande sucesso popular, o baiano cantou como ninguém as belezas da Bahia e do mar. Por muitos anos morou em Copacabana e foi homenageado em dezembro de 2008.

- O que é que a baiana tem? Pulseira de ouro tem (tem). E tem saia engomada tem (tem). Tem sandália enfeitada tem (tem). E tem graça como ninguém...!



Millôr Fernandes

Inaugurada em 27 de maio de 2013, a homenagem ao desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro é o único monumento que não é de bronze. A escultura é formada por um banco confeccionado em aço com uma imagem vazada representando a silhueta de Millôr. Instalada no Largo do Millôr, ponto entre a Praia do Diabo e a Pedra do Arpoador, o monumento traduz o prazer que o cartunista tinha em apreciar o pôr do sol visto por aquele ângulo.

- Como são admiráveis as pessoas que nós não conhecemos bem.

Professor, para que a aula literária na orla carioca fique mais interessante, peça aos seus alunos que previamente pesquisem sobre as obras dessas personalidades, para que no dia da visita levem e recitem os pensamentos reflexivos desses grandes formadores de opinião.

■ Por Richard Günter

PERSONAGENS DE FILME PROTAGONISTAS EM

Professor usa criatividade e bom humor para tornar as aulas mais dinâmicas e atrair a atenção dos alunos

H

arry Potter, Darth Vader, cavaleiro de Jedi, Deadpool, Jigsaw de Jogos Mortais. São esses e outros personagens que o professor Leandro Silveira Martins interpreta na hora de ensinar Geografia para os seus alunos. Afinal, criatividade e o bom humor podem ser ótimos aliados da aprendizagem. Com estes dois artifícios as aulas podem

ficar mais dinâmicas, descontraídas e os estudantes acabam se interessando mais pelo conteúdo.

Segundo o educador, ele sempre procurou “trazer os alunos para dentro” do que estão estudando. Essa ideia veio do RPG, um jogo de interpretação de papéis, onde cada jogador assume um personagem em um mundo fantástico. Foi aí que Leandro pensou: “Por que não explorar o mundo que a Geografia ensina embarcando em uma fantástica aventura?”.

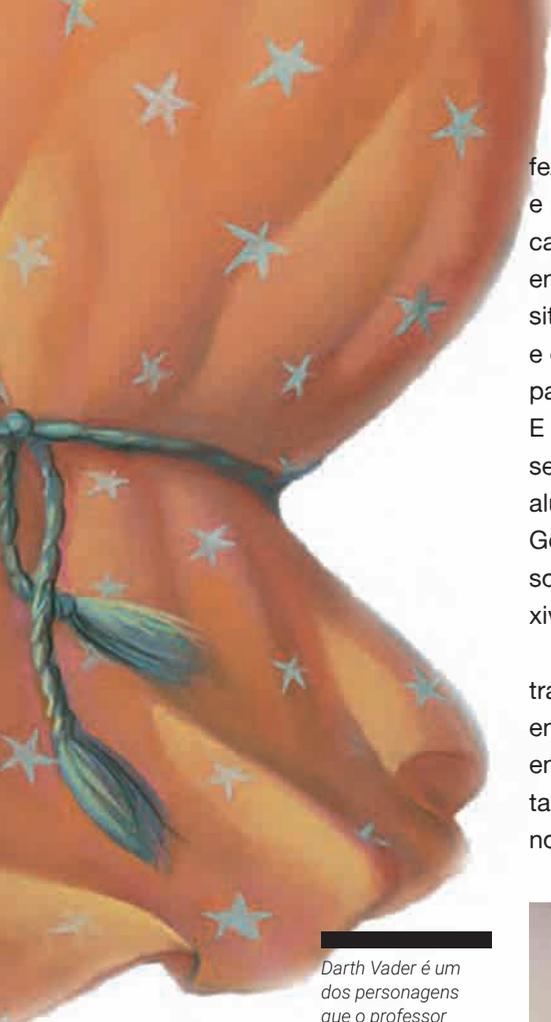
E a brincadeira não para aí! Em casa, é a mesma coisa. Desde que seu filho nasceu, ele ensina da mesma maneira. Brincando, em atividades lúdicas onde o pequeno nem percebe que está aprendendo. Para Leandro, essa é a maneira mais divertida de passar conhecimento, afinal ele sempre gostou desses assuntos. “Sempre fui meio *nerd*, leio quadrinhos, vejo animações, filmes e acompanho séries. Eu sei tudo sobre esse mundo de que os alunos gostam. Livros como Harry Potter fizeram surgir uma geração de leitores que não tínhamos”, garante.

FILMES VIRAM SALA DE AULA

“Sempre fui meio *nerd*, leio quadrinhos, vejo animações, filmes e acompanho séries. Eu sei tudo sobre esse mundo de que os alunos gostam. Livros como Harry Potter fizeram surgir uma geração de leitores que não tínhamos”

- Professor Leandro
Silvio Martins





Quando o filho de Leandro fez um ano, o tema foi *Star Wars* e para isso ele fez uma roupa de cavaleiro Jedi, o que garantiu a entrada em grupos que fazem visitas a hospitais infantis, creches e orfanatos. “Migrei as fantasias para dentro da classe escolar. E isso foi um sucesso! As aulas se tornaram mais alegres e os alunos aprendiam o conteúdo de Geografia, debatiam questões sociais, tornavam-se mais reflexivos e questionadores”, afirma.

O professor desenvolve esse trabalho em todas as turmas dos ensinos Fundamental e Médio em que leciona, na Escola Estadual Abdias do Nascimento e no Centro Educacional Valverde.

Em uma de suas aulas, o tema era população. Após abordar os conceitos de demografia, ele instruiu os alunos a olhar como era e como é a relação das pessoas em sociedade. Se existe igualdade parental, como funciona a guarda compartilhada, o que é alienação parental. Tudo isso após discutir as teorias neomalthusiana e reformista, fazendo *links* entre conteúdos que atraem os alunos. Em uma aula, após explicar as redes geográficas, Leandro falou sobre a rede de transporte incluindo o aquaviário. “Daí foi um pulo para falar de pirataria e, é claro, vestido de pirata!”, brinca.

Darth Vader é um dos personagens que o professor Leandro Silvio Martins interpreta na hora de ensinar Geografia para os seus alunos



Outra aula diferente foi sobre as coordenadas geográficas. O professor usou o jogo *on-line* Pokémon Go, que tem como principal atrativo a realidade aumentada, que permite que os usuários capturem os bichinhos enquanto caminham pelas cidades, através do GPS do aparelho. “Na aula sobre o Reino Unido e a Commonwealth, colocamos uma coroa e um cetro na aluna Elizabeth. Afinal, é muito importante a interação constante entre os estudantes durante as aulas”, ressalta Leandro.

Outro aluno, Gabriel Santos, do 8º ano do Centro Educacional Valverde, garante que as aulas são completas e engraçadas. “Eu e meus colegas desejamos que não termine. Tédio é o oposto do que ele apresenta. O método de ensino nos faz sonhar com as várias culturas do mundo ou chorar com a

empatia que nos surge quando falamos dos problemas que outras pessoas enfrentam em outras partes do planeta”, garante.

Quem faz coro com ele é Thamilly Freitas, aluna da Escola Estadual Abdias do Nascimento. “O que faz com que as aulas dele sejam atrativas para os alunos é o fato de que tudo que ele ensina é contextualizado na atualidade. Isso faz a gente perceber que estudar não precisa ser aquela coisa maçante, que é logo esquecida quando o ano acaba, mas que a gente pode usar o que aprende pra repensar coisas do nosso dia a dia. Além disso, há os projetos sociais que ele nos mostra que devem ser inseridos na nossa rotina com naturalidade, porque ajudar o próximo nunca é demais”, elogia.



O educador afirma que a direção e o corpo docente também adoraram sua metodologia e outros professores decidiram aplicar elementos parecidos em suas aulas, principalmente devido ao aumento do rendimento dos alunos. O diretor do Centro Educacional Valverde, Alexandre Magalhães, permitiu que Leandro fizesse uma aula para os ex-alunos, que sempre gostaram de sua maneira de ensinar, mas vinham reclamar que “no tempo deles não tinha isso”.

Luís Miguel de Lira Farias, antigo aluno do Centro Educacional Valverde, conta que até hoje lembra de um projeto de que participou. “Ele fez muito mais que nos apresentar a Geografia, nos ensinou ética, cidadania e pluralidade”, relata. Quem também lembra das aulas do educador é Patricia Neves, que foi da Escola Estadual Abdias do Nascimento. “Sem dúvida é o tipo de mestre que faz seus alunos realmente se interessarem pela aula. Inclusive os mais dispersos! Levando em consideração o quão isso parece ser difícil, ele sabe tirar de letra. Sua didática e metodologia são realmente eficientes quando colocadas em prática. Hoje estou em outra etapa da minha vida, mas tenho orgulho em dizer que fui aluna dele”, afirma.

"As notas melhoram, o interesse aumenta e eles ficam ansiosos pelo que vai vir na próxima aula."

E não para por aí. O professor pretende repetir a iniciativa com direito a plantio de árvore e recolhimento de alimentos não perecíveis para doar a uma instituição escolhida pelos próprios alunos. Ele conta também que não são só os estudantes que passam a ser estimulados. “Os professores, mesclando seus gostos ao trabalho, trabalham mais vigorosos e felizes. A proximidade entre docentes e discentes só melhora, tanto que a maioria dos meus ex-alunos mantém contato comigo depois de cinco e até dez anos”, relata Leandro.

Além disso, a iniciativa mobiliza os alunos a serem mais atuantes na sociedade de forma positiva, já que eles acabam acompanhando o trabalho do professor em grupos de caridade. “Ajudamos a criar cidadãos mais conscientes e atuantes. Isso se estende dos alunos aos pais, que passam a ser mais atuantes na vida escolar dos discentes, aos ex-alunos e até mesmo os funcionários da escola. As notas melhoram, o interesse aumenta e eles ficam ansiosos pelo que vai vir na próxima aula. Muitos já pegam os livros para saber quais são as próximas matérias e o que vem por aí”, garante.



Para falar sobre as coordenadas geográficas, o professor utilizou o jogo Pokémon Go, que tem como principal atrativo a realidade aumentada

■ Por Jéssica Almeida

Centro Educacional Valverde

Rua Manoel Correia, 809 – Valverde – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26291-021

Tel.: (21) 3794-6947

E-mail: secretariavalverde@bol.com

Escola Estadual Abdias do Nascimento

Rua Alexandre Fleming, s/nº – Vila Nova – Nova Iguaçu/RJ

CEP: 26225-490

Tel.: (21) 2797-8148

E-mail: ceabdiasn@gmail.com

Fotos cedidas pelo professor

Interdisciplinaridade

JÚRI SIMULADO

O intuito do projeto é desenvolver o senso crítico dos alunos sobre os temas abordados

U

Um dos grandes desafios em sala de aula é encontrar estratégias que motivem os alunos a participarem mais. Muitos deles têm receio de falar em público e de expor suas opiniões. Por isso, é muito importante que pratiquem essa habilidade. Afinal, o debate estimula a capacidade de reflexão e de argumentação

sobre determinado assunto. Sabendo disso, o professor de Biologia Everaldo de Santana criou o projeto *Júri Simulado*, cujo objetivo é o crescimento dos alunos, promovendo uma troca constante entre eles e levando ao amadurecimento de novas ideias, valores e crenças.

Criada em 2015, a temática é oferecida e posta em julgamento pelo corpo docente do colégio, abordando assuntos de relevância atual, com cunho na discussão e fomento crítico social, usados como tema delineador dentro de cada disciplina. Nos anos anteriores, foram abordados assuntos como “Uso de animais em experiências científicas”, “Legalização do aborto”, “União homoafetiva” e “Legalização da maconha”. Para esse ano, as temáticas escolhidas foram: sistema de cotas e eutanásia.

A estudante da turma 2.011, Anna Livia Ribeiro de Oliveira, garante que a eutanásia é um tema muito peculiar sobre o qual todos têm diversas opiniões, mas sem o real conhecimento. “Assim como qualquer outro assunto, temos apenas vagas especulações. O projeto do *Júri Simulado* nos levou a uma densa pesquisa sobre diversas perspectivas e olhares sobre a questão. Além disso, ainda houve o desafio de falar em público, prática a que não estamos muito habituados, fazendo com que fôssemos motivados a construir argumentações e ao mesmo tempo idealizar opiniões contrárias no momento do júri. Foi um trabalho muito desafiador e cansativo, mas que promoveu um ambiente de debate saudável”, afirma.

A professora de Sociologia e Filosofia Flávia Regina Cruz concorda que a dinâmica ajuda os alunos a debaterem temas polêmicos, levando os envolvidos a tomarem um posicionamento, exercitarem raciocínio, expressão, além de desenvolverem o senso crítico. “É através da forma argumentária da simulação de um tribunal judiciário que os alunos nos impressionam com postura ética, fundamentação legislativa e teórica sobre os temas abordados”, explica.



O idealizador do projeto explica que a série escolhida foi o segundo ano do Ensino Médio, por se tratar de uma turma que está justamente no meio do caminho desse período escolar. “Entendemos que é o melhor momento para consolidar o senso crítico, preparando os estudantes para o desafio do processo de seleção do vestibular. Neste contexto, possuímos duas turmas, 2.011 e 2.012, ambas no mesmo turno e com a equipe docente 90% semelhante”, garante Everaldo.

Com temáticas e classes selecionadas, a turma foi dividida em dois grupos: “contra” e “a favor”, onde cada lado teria três advogados e três testemunhas. O restante, dentro de cada lado, ficaria responsável em pesquisar, organizar e debater com os atuantes os argumentos e estratégias de atuação.

Com a separação e atribuições das funções, os professores envolvidos atribuíram parte do tempo de suas aulas para debater com os estudantes, dentro de cada disciplina, a sua contribuição, mantendo-se imparcial. Paralelamente, os docentes contribuíram com envio de documentos (reportagens, artigos e outros documentos) para agregar conhecimento e subsídios à atividade.

Além disso, foram realizadas reuniões mensais em sala de aula, entre o professor responsável e os alunos, para estabelecer metas e acompanhar o desenvolvimento do processo. Nestas reuniões foi decidido como seria conduzido o processo, assim como a determinação da dinâmica e condução do dia do evento, tempo dado a cada uma das partes e o que poderia ser usado ou não. Ocorreram também sessões de vídeos com filmes que remetam a tribunais e julgamento para aperfeiçoamento da prática.



No dia da culminância, o júri foi composto por todos os professores envolvidos na dinâmica. Além deles, também participaram integrantes da direção, da parte administrativa e um convidado

Todos receberam um formulário para pontuar os seguintes quesitos: obediência do tempo e dinâmica, figurino, argumentos, clareza e postura



No dia da culminância, o júri foi composto por todos os professores envolvidos na dinâmica. Além deles, também participaram integrantes da direção, da parte administrativa e um convidado. Todos receberam um formulário para pontuar os seguintes quesitos: obediência do tempo e dinâmica, figurino, argumentos, clareza e postura. Segundo o educador, esses critérios serviram para compor a nota do trabalho, e o grupo vencedor teria direito a um ponto extra. Após a primeira apresentação do Júri, os jurados se retiraram para a discussão do veredicto, sendo eleito um orador. Este tem a função de comentar o processo e dar o resultado.



O projeto tem como objetivo criar cidadãos mais conscientes, mais éticos e mais capazes de pensar e agir de acordo com os valores construídos a partir da troca com o outro

Bárbara Feital, aluna da turma 2.012, conta que a iniciativa foi uma experiência inigualável para todos os envolvidos. “Tal atividade nos fez confrontar o conhecimento e enfrentar o desconhecido, aprimorar nosso pensamento e nos tornar bons argumentadores. Qualidades que levaremos por toda a vida! Tenho certeza de que guardaremos essas lembranças com imenso carinho”, enaltece.

De acordo com o educador, a utilização do amplo debate, na forma do *Júri Simulado*, acaba por estimular a construção do cidadão crítico. “A junção da pesquisa aprofundada, da construção da argumentação e da contra-argumentação em um ambiente simulado acaba por emocionar a todos nós educadores, comprovando que novas e aprimoradas ferramentas pedagógicas devem ser incorporadas na tentativa da objetivação e sucesso do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, o colégio cumpre o seu papel junto à sociedade, quando busca, muito mais do que promover o aprendizado, originar cidadãos mais conscientes, mais éticos e mais capazes de pensar e agir de acordo com os valores construídos a partir da troca com o outro, ou seja, mais livres”, finaliza Everaldo.

■ Por Jéssica Almeida

Colégio Curso Desafio

Rua Luís Beltrão, 160 – Cobertura – Vila Valqueire

Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21321-230

Tel.: (21) 2454-9300

E-mail: medio@colegiocursodesafio.com.br

Fotos: Marcelo Ávila

BRASIL CONQUISTA NO

Pesquisa revela o que os professores estão lendo e quem tem movimentado o mercado literário brasileiro



VOS LEITORES



O Sucesso da XVIII Bienal Internacional do Livro foi estrondoso. Mais de 700 mil pessoas passaram pelos três pavilhões do Riocentro, nos quais ocorreram mais de 360 horas de programação, 40% a mais do que na edição anterior em 2015. Não somente os escritores famosos chamaram atenção do público, mas a busca pela leitura. Tal fato comprova o que mostra a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) ao Ibope, que revela que 56% dos brasileiros são hoje considerados leitores e que a média de livros lidos por ano é de cinco. Ou seja, mais pessoas estão lendo mais, em comparação com a última pesquisa realizada em 2011, que apontava 50% de leitores. Um acréscimo de 6% em 5 anos.

A pesquisa ouviu mais de 5 mil brasileiros alfabetizados, com idade de cinco anos em diante. As análises, aliás, constituem ponto de sensível melhora na apresentação do trabalho, além dos diversos textos de autores envolvidos com a questão do livro e da leitura no Brasil. Uma das perguntas que a publicação tenta responder é: quem são os brasileiros que estão lendo mais e o que estão lendo?

Os resultados provenientes da pesquisa aprofundada que o Instituto Pró-Livro oferece a cada quatro anos possibilitam avaliar o impacto das políticas e ações, identificar avanços e impasses e contribuir com outros estudos para acentuar o conhecimento sobre as principais questões que envolvem a formação leitora e a melhoria da qualidade e dos indicadores dos brasileiros nesse item.



Mas transformar o Brasil em um país leitor não é tarefa fácil. De acordo com o IPL, isso exigirá décadas de investimentos e ações efetivas e contínuas, orientadas por políticas e programas construídos pela sociedade e pelo governo. São muitos os agentes dessa transformação e há necessidade de unir essas ações. A pesquisa contribui com o mapeamento e com a divulgação e a qualificação das informações e dos estudos sobre o comportamento do leitor brasileiro. Contribui também para a formação de uma representação positiva sobre a importância da leitura ao auxiliar a mídia e qualificar as informações e matérias sobre leitura e leitores. Certamente a valorização da presença do texto no imaginário da população conscientiza sobre o direito que todos têm de serem leitores plenos.

A edição atual confirma que o gosto pela leitura é uma construção que vem da infância, bastante influenciada por mães e pais. A família tem um pa-

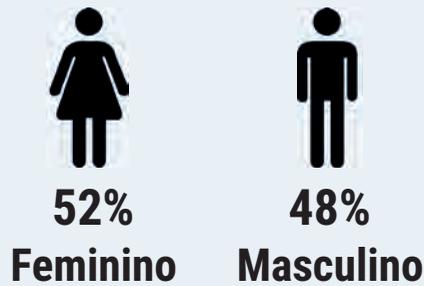
pel fundamental no despertar do interesse por essa atividade, seja pelo exemplo, ao ler na frente dos filhos, ou ao promover a leitura para eles. A importância da mediação é confirmada quando se comparam respostas de leitores e não leitores: 83% não receberam a influência de ninguém, enquanto 55% relataram ter experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas, especialmente mãe e professor.

Em relação às formas de acesso ao livro, cerca de metade dos entrevistados indicou o empréstimo de parentes ou conhecidos, bibliotecas ou outros locais, como principal meio de acesso. Mas o que merece ser destacado é que 30% dos entrevistados afirmaram nunca ter comprado um livro e somente 26% informaram já tê-lo feito. Esses números demonstram que o mercado do livro é movimentado por cerca de 1/4 dos brasileiros.

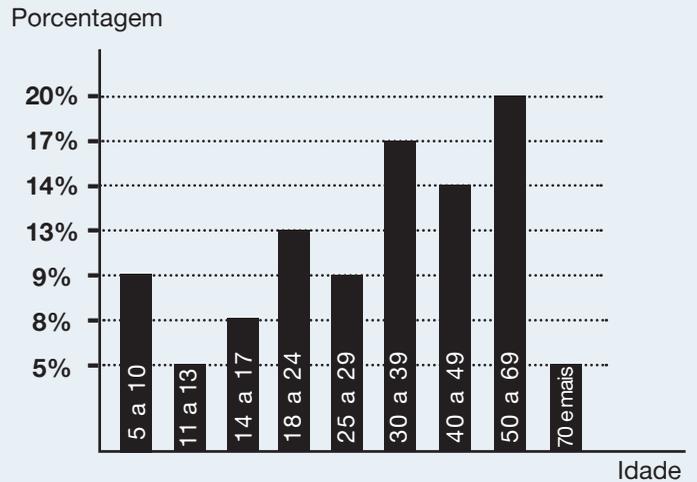
• Perfil do Leitor e Não leitor – Regiões



• **Gênero:**



• **Idade:**



Monteiro Lobato e Machado de Assis

estão entre os escritores que os leitores entrevistados mais gostam e conhecem. De acordo com eles, a importância da leitura oportuniza conhecimento, atualização e crescimento profissional. E sobre a polêmica dos impressos serem extintos, os leitores ratificam que preferem ler no papel, apesar do percentual de quem já leu livro digital ser de 34%. Já entre aqueles que relatam gostar muito de ler o número chega a 38%.





Entre os títulos mais lidos pelos professores brasileiros estão os religiosos e obras de autoajuda com vendas muito expressivas no país. Segundo o levantamento, 84% dos docentes no Brasil são considerados leitores, ou seja, leram pelo menos um livro inteiro ou em partes em três meses. A média ficou em 5 livros nessa mesma perspectiva de tempo.

Confira abaixo os 5 livros mais lidos pelos educadores:



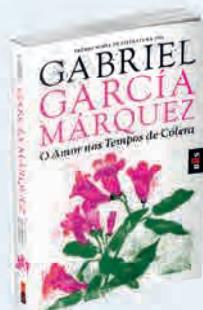
1 | Trilogia Jogos Vorazes (Mockingjay, 2010) - Suzanne Collins

Toda a trilogia foi adaptada para o cinema em quatro produções. O último livro da saga Jogos Vorazes é sucesso entre o público jovem-adulto. Escrito pela estadunidense Suzanne Collins, a trama se passa no futuro, quando, destruída por guerras, a América do Norte passa a se dividir em 12 distritos e uma capital. A esperança retrata o desfecho da luta de Katniss Everdeen, protagonista e líder da rebelião contra o governo autoritário do novo país.



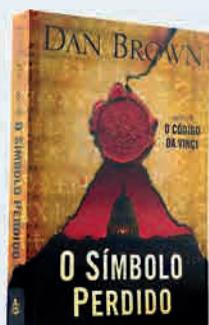
2 | O monge e o executivo: uma história sobre a essência da Liderança (The servant, 1998) - James C. Hunter

O maior mercado da obra está no Brasil, onde já vendeu mais de 3 milhões de cópias desde seu lançamento em 2004, pela editora Sextante. O livro do norte-americano James C. Hunter é considerado uma obra de autoajuda profissional. Focada no que o autor considera ser a verdadeira liderança, mostra ensinamentos sobre como ser um bom líder por meio da servidão ao outro.



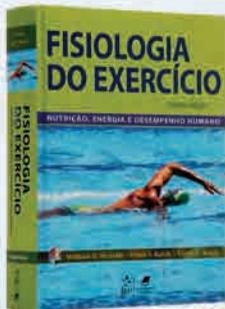
3 | Amor nos tempos do cólera (El amor en los tiempos del cólera, 1985) - Gabriel García Márquez

O ponto de partida para o enredo do livro veio da história dos pais de García Márquez. Considerado pelo consagrado autor colombiano como sua melhor obra, conta a história do romance entre Florentino e Fermina, amantes na Colômbia do século XIX. Impedidos de ficar juntos na juventude pelo pai da moça, o casal vive um amor a distância que dura mais de 50 anos, até que os dois se reencontram na velhice.



4 | O símbolo perdido (The Lost Symbol, 2009) - Dan Brown

Ambientado em torno da maçonaria nos Estados Unidos, a história deixa de lado os conflitos com a igreja católica trazidos nos dois sucessos anteriores do autor: Anjos e Demônios (2000) e o polêmico O Código da Vinci (2003). Esse é o quinto *best-seller* do autor. Em seu primeiro dia de vendas, o livro vendeu 1 milhão de cópias nos EUA, no Reino Unido e no Canadá. A trama narra a terceira aventura do simbologista Robert Langdon, o mais famoso personagem do escritor.



5 | Fisiologia do exercício: nutrição, energia e desempenho humano (Exercise Physiology, 1981 – 1ª versão) - William D. McArdle

O autor é professor emérito do departamento de família, nutrição e saúde do exercício da Queens College of the City University of New York, nos Estados Unidos. O livro se propõe a ser uma fonte de conhecimento para estudantes e instrutores da área de educação física. Atualmente em sua sétima edição, traz princípios científicos, entrevistas e pesquisas relacionadas aos diversos aspectos que compõem o tema.

Você conhece a rede social Skoob?

Quem nunca quis poder organizar os livros já lidos, fazer uma resenha e comentar com outras pessoas sobre um determinado livro numa rede social? No Skoob é possível fazer tudo isso!

Como toda rede social, você precisa criar seu perfil, com nome, foto, *e-mail* etc. Além disso, pode adicionar seus gêneros literários favoritos, marcar os livros como “lido”, “lendo”, “vou ler”, “relendo”, “abandonei” e classificá-los como “tenho”, “desejado”, “meta de leitura” e “emprestei”. E ainda tem a opção de trocá-lo com outros usuários.

Você pode ver o que as pessoas acham de um livro, fazer uma resenha, ver quantos já o leram, quantos estão lendo, quantos abandonaram.

Se você quer ler uma obra, mas está na dúvida, é sempre bom visitar a página dela no Skoob antes. Você pode ver também se mais homens ou mulheres o leem, a sinopse e escolher a capa que você tem para salvar na sua estante virtual... É algo bem elaborado e diversificado!

Ficou curioso por que o nome Skoob? Então leia a palavra de trás para frente. Sim, “books” em inglês quer dizer livros. Essa

é a nossa dica pra você se conectar com milhares de leitores!



E você, professor, o que tem lido atualmente? Envie um *e-mail* para redacao@appai.org.br e conte para a gente a sinopse da obra, seguidas do título e nome do autor do livro. Queremos muito saber o que nossos leitores leem paralelamente à Revista Appai Educar.

■ *Por Richard Günter*

Fontes: Instituto Pró-livro, Revista Educação, Retratos da Leitura no Brasil, SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livros), Sobre Sagas.

• Para ver a pesquisa completa acesse: prolivro.org.br e clique no link “Livro Retratos da Leitura no Brasil 4”.

Web

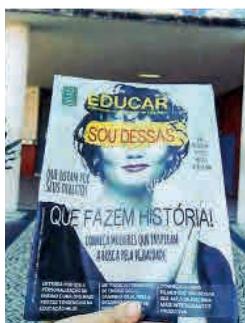
ROLOU NA WEB



Pra onde você leva a Revista Appai Educar?

Veja quem já apareceu por aqui! Quer participar também? Tire uma foto com a sua revista num lugar bem legal, publique no seu Facebook e/ou Instagram e marque a hashtag **#appaieducar**. Os mais criativos poderão aparecer nas próximas edições.

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



“Quero manifestar minha satisfação com a matéria publicada.

Acabei de ler e fiquei muito feliz com o profissionalismo em colocar os principais pontos na íntegra. Parabéns! Espero que a proposta se multiplique. Nossos estudantes merecem.” – **José Cardoso**, via **Facebook** sobre a matéria “O maravilhoso mundo da sétima arte” - Pág.: 43 da edição 106.



“A revista é muito útil, principalmente para nós professores. Ela sempre aborda assuntos

atuais, o que nos ajuda muito nas atividades escolares.” – **Carlos Roberto Rodrigues Coutinho**, via **Facebook**.



“Levo pra minha escola e divido com os colegas.”

– **Tatiane Alves**, via **Instagram**.

Voz do professor

“Quero parabenizar a Revista Educar pelos temas abordados nesta edição, nos trouxe uma gama de conhecimentos culturais, políticos, intelectuais e sociais. Obrigado por colaborarem com a Educação Brasileira.” – **Marilza Mululo**, via e-mail.

As redes sociais + conectadas na educação



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube - youtube.com/appairj

SUMÁRIO

02 OPINIÃO

A educação de valores éticos e morais na escola
Educação em ciências e a nova geração

06 LITERATURA INFANTIL

Diz a lenda que todo mundo sai de lá com o coração limpinho e sereno

12 EDUCAÇÃO INFANTIL

Com muita música e teatro, projeto estimula a capacidade de imaginação e concentração das crianças

14 TEMA TRANSVERSAL

Alunos de três escolas se reúnem em oficinas em prol da linguagem cultural

18 EDUCAÇÃO INFANTIL

Espaço de Desenvolvimento Infantil promove aprendizagem em atividade além dos muros

22 ENTREVISTA

Como lidar com a ansiedade na escola?

28 SUSTENTABILIDADE

Alunos de Itaboraí não somente aprenderam os conceitos da preservação do meio ambiente, como também agiram, plantando e cultivando mudas

46 GUIA HISTÓRICO

Você sabia que no calçadão das praias cariocas há uma explosão literária?

CAPA

Considerada um problema de todos, a intolerância, mesmo invisível, sem cor, rosto, sabor ou cheiro, vem fazendo estragos em todas as esferas e classes sociais. Acompanhe os números e veja por que esse sintoma se mostra cada vez mais presente entre a população e suas faixas etárias. Pág.: 32



**A NATUREZA
CANTA E
O CORPO
DANÇA**



**HOJE A
AULA É NO
MUSEU!**



**PERSO-
NAGENS
DE FILMES
VIRAM
PROTAGO-
NISTAS EM
SALA DE
AULA**





**+ mais
tappai**
Nº 14

LAZER

EDUCAÇÃO

SAÚDE

SOCIAL

**PROGRAMAS
E PROJETOS**



CAMINHADAS E CORRIDAS
BENEFÍCIO APPAI



BENEFÍCIO DANÇA



Passeio Cultural





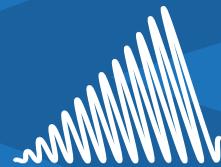
benefício

Bom Espetáculo!



benefício

boaviagem



rádio appai

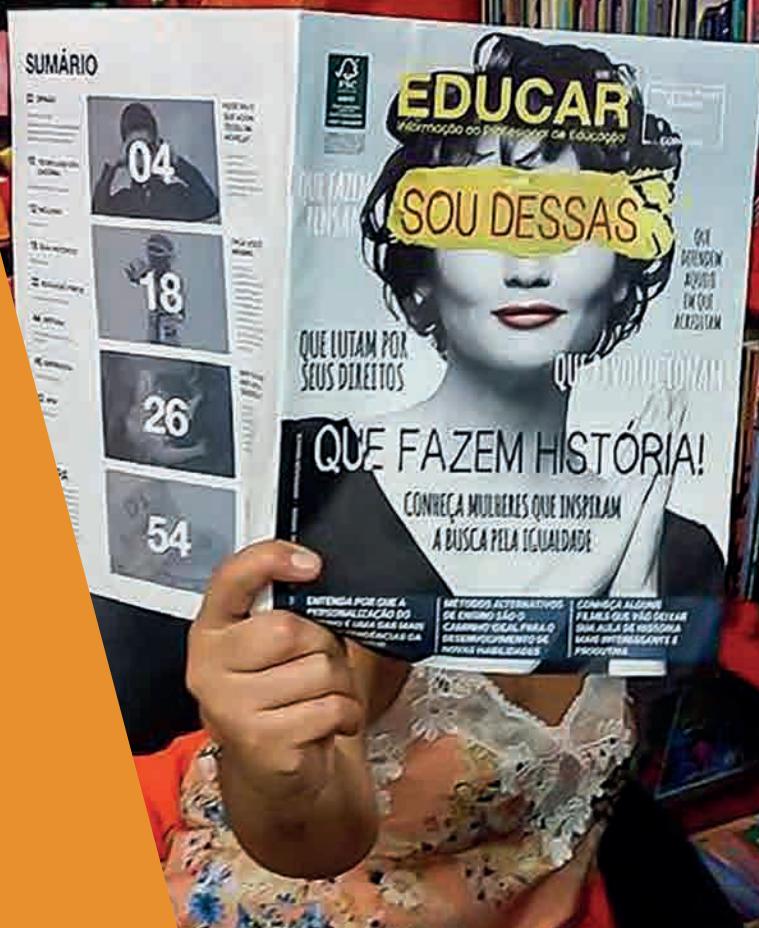
a voz do professor



Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação



Educação Continuada
ciclo de formação permanente



EAD APPAI
educação continuada a distância



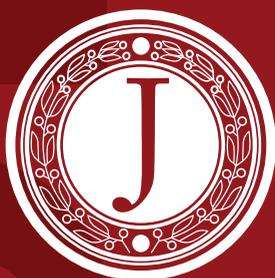
**BENEFÍCIO MÉDICO
AMBULATORIAL
BÁSICO COLETIVO**



**BENEFÍCIO
ODONTOLÓGICO
BÁSICO COLETIVO**



SERVIÇO SOCIAL



ASSISTÊNCIA JURÍDICA



**SEGURO DE VIDA EM
GRUPO E DE ACIDENTE
PESSOAL COLETIVO**





**SEGURO PARA
COBERTURA DE ALGUMAS
DOENÇAS GRAVES**



ASSISTÊNCIA FLEX DOMICILIAR



ASSISTÊNCIA FUNERAL



Programa
Saúde 10
Appai



ppas
appai